

23 de abril

Dia Mundial do Livro

Instituído há dezessete anos, pela Organização das Nações Unidas no fortalecimento à educação, a ciência e a cultura (UNESCO), o **Dia Mundial do Livro** teve como motivação o aniversário de morte de dois gigantes da Literatura Universal, o inglês *William Shakespeare* e o espanhol *Miguel de Cervantes*, conforme o site ebc.com.br.

Imagem: www.ecopetit.cat



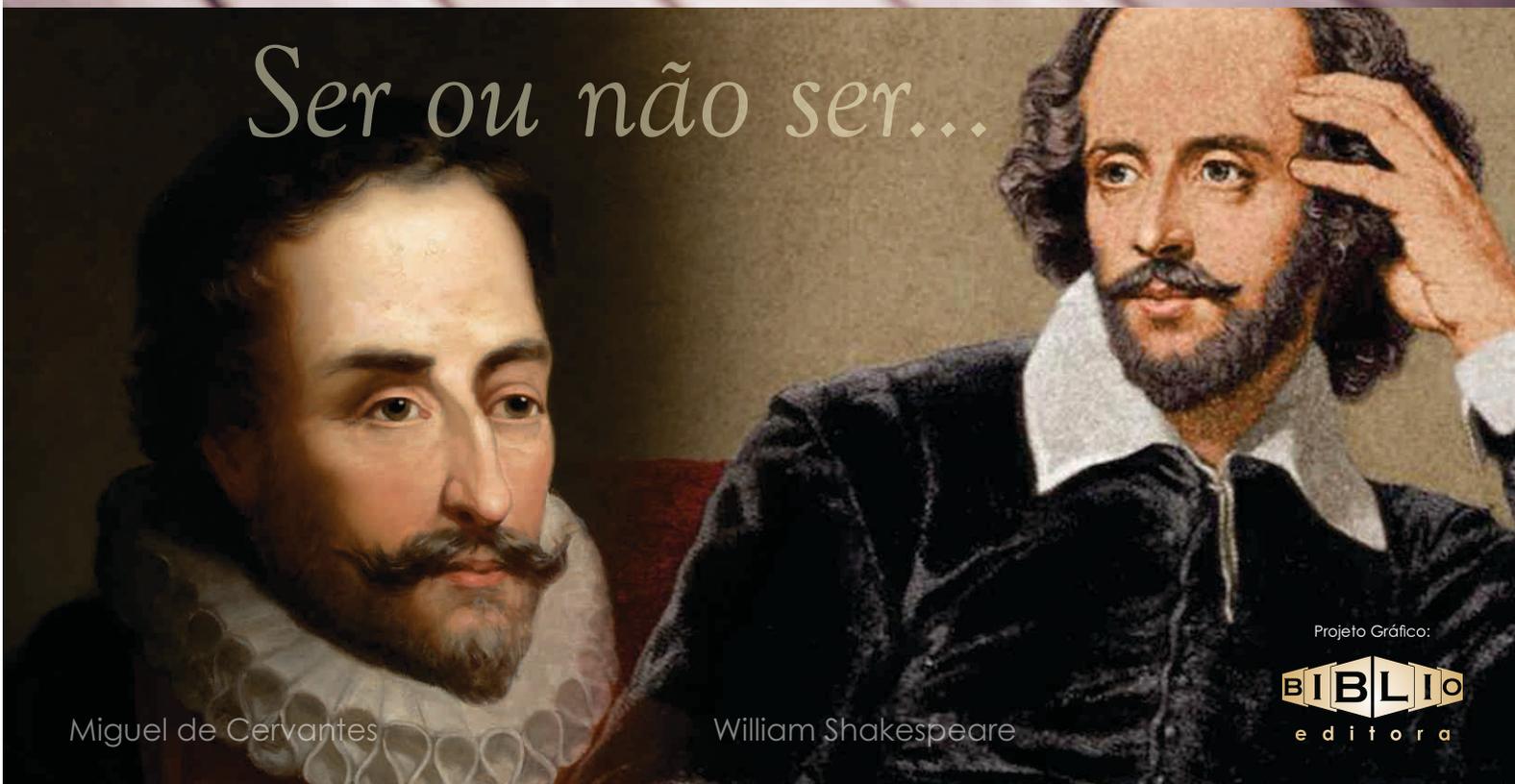
ENTREVISTA

Bráulio Bessa
"poesia com rapadura"

nesta edição...

Entrevista | Dicas de Leitura
Cinema | Música | Teatro
Curiosidades | Lançamentos

Ser ou não ser...



Miguel de Cervantes

William Shakespeare

Projeto Gráfico:

BIBLIO
editora

◆ Editorial

Sob a luz do conhecimento

Por Amábile Corrêa



“Aquele que lê muito e anda muito, vê muito e sabe muito”. (Cervantes)

Gutenberg, dono de uma mente inovadora, facilitou a transmissão de conhecimentos ao criar no século XV, uma máquina capaz de imprimir livros e jornais. Uma revolução editorial que nos permite hoje, testemunhar o lançamento de mais uma publicação para distribuir informação e cultura, de maneira conjunta.

O Jornal daBiblio nasce, de forma online, gratuita e, futuramente, impressa, com periodicidade mensal levará a seus distintos leitores, as atualizações do mundo literário, resenhas, dicas de leitura, música, teatro e uma gama enorme de possibilidades para você.

O projeto reúne nomes jovens e experientes, envolvidos na missão cultural de produzir fatos relevantes para engrandecer o seu conhecimento literário. Um mar de tranquilidade, em meio às turbulências do cotidiano.

Desta forma, nos apresentamos com clareza e objetividade para contar cada vez mais histórias. E fazemos isto em uma data mais que especial: 23 de abril quando se comemora o Dia Mundial do Livro.

Em 1995, na cidade de Paris, durante o XXVIII Congresso Geral, a data é reconhecida em âmbito internacional pela UNESCO. Uma homenagem ao aniversário de morte de dois gigantes da literatura universal, que dispensa maiores apresentações, William Shakespeare e Miguel de Cervantes. ◆

Amábile Corrêa é jornalista, palestrante, escritora, radialista e correspondente internacional pelo portal do Vatican News em Roma/IT. Trabalha atualmente na Rádio Bandeirantes 1090 AM de Tubarão/SC exercendo o papel como repórter e social mídia. O objetivo é proporcionar a todos uma ótima comunicação e um bom relacionamento profissional. Ética, responsabilidade, competência e dinamismo fazem parte da postura mediante ao mundo literário.

◆ Expediente

Publicação mensal
Idioma
Português Brasil

Endereço eletrônico
www.jornaldabiblio.blogspot.com.br

Redação
(67) 99939-4746

E-Mail
jornaldabiblio@gmail.com

Projeto Gráfico
BIBLIO Editora

Capa
Rogério Fernandes Lemes

Conselho Editorial



Rogério Fernandes Lemes
Editor-Chefe/Fundador
Jornalista MTB 1588/MS



Cheiene Damázio Uggioni
Co-Editora
Geógrafa



Roberto Marchiori
Co-Editor
Prof. Universitário UNIR



Amábile Corrêa
Jornalista
Tubarão, SC

“quem esquece
de onde veio
não sabe
pra onde vai”

Bráulio
Bessa
“poesia com rapadura”



Por Rogério Fernandes Lemes

Poeta Bráulio Bessa seja muito bem-vindo à primeira edição do Jornal daBiblio, um periódico mensal, gratuito e digital. Sou Rogério Fernandes Lemes e, há um bom tempo, acompanho seu trabalho na grande mídia e acredito que sua gentileza em nos conceder esta entrevista terá grande importância entre nossos autores e leitores por todo o Brasil e em mais 16 países, entre eles México, Chile, Argentina, Moçambique, Paris e Suíça.

1. Pois bem! Quem é Bráulio Bessa?

Resp.: Bráulio Bessa é um comedor de rapadura; um comedor de cuscuz do Alto Santo Sertão, interior do Ceará, ali da Rua dos Alípio, mais conhecido como “beijo do rio”; filho de Ana Lídia e de Evaristo; neto de seo Dedé sapateiro e de dona Maria. Essa é forma como se apresenta no interior né? É dizendo de quem é filho, de quem é neto, onde mora e, além disso eu sou um sonhador, sou um romântico, sou menino atrevido ainda, sempre fui muito atrevido, muito sonhador e algum que sempre acreditou que podia viver de poesia. E quando eu digo viver de

poesia não é ganhar dinheiro com poesia, ficar rico com poesia não, eu sempre acreditei que, sim, um dia eu ia viver da minha arte, que ia conseguir impactar a vida das pessoas, que eu ia transformar vidas através do que faço e fazer o bem, servir para alguma coisa.

2. Quais os principais desafios dos poetas brasileiros?

Resp.: Eu acho que o maior desafio dos poetas brasileiros é aproximar as pessoas da poesia. Acho que durante muito tempo a classe distanciou a poesia das pessoas. Chego a arriscar que o que eu percebi é que muito poetas escreviam para impressionar outros poetas e não para tocar as pessoas. E não. Eu acho que a gente tem que aproximar; tornar a poesia realmente popular. A poesia é Pop. As pessoas é, muita gente gosta de poesia e nem sabe. Então, acho que o maior desafio hoje é esse: é aproximar a poesia das pessoas; é chegar e apresentar a nossa arte e ter espaço, em toda parte. Eu sempre digo que a poesia, se você tem uma oportunidade de mostrar pra al-

guém, ela não chega e bate na porta não, ela dá um chute, arromba, entra e se instala. E pra tirar é difícil. Então a gente só precisa ter a oportunidade pra mostrar que o povo brasileiro ama a poesia.

3. Como você vê a ascensão da internet e a ideia da diminuição crescente do livro impresso?

Resp.: Olha, a internet eu tenho uma gratidão muito grande. O artista popular nordestino; o poeta popular nordestino ele vai para a feira declamar o seu poema, o mais alto possível para chamar atenção das pessoas. E eu olhei para a internet em 2012 e disse: “taí a maior feira do mundo”. Não fecha hora nenhuma, tem todo tipo de gente o que eu falar aqui no Alto Santo, no Alto Sertão do Ceará alguém vai poder consumir, se emocionar em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Tóquio, em Berlim, em Nova York no mesmo momento sem que eu precise me distanciar das minhas raízes. Eu fiquei encantado por essa possibilidade que a internet dava; que a rede social dá: de você se tornar protagonista. De que você sai do papel só de receptor, de alguém que só recebe informação para gerar conteúdo e para espalhar conteúdo. Sou muito grato à internet por isso. Tive essa sacada de gravar vídeos com poesia para a internet porque acredito muito que o poder da poesia, falada, é muito maior do que só escrita. Então daí veio essa força muito grande do que eu faço. “Ah, tem um cabra que declama poesia com uns vídeos na internet e a poesia de cordel é muito forte e a forma como ele declama é muito bonita” e, assim, surgiu a internet como uma ferramenta de espalhar a poesia de um poeta que não tinha oportunidade, alguma, de um dia lançar um livro. Eu enviava e-mails para inúmeras editoras do Brasil pedindo uma oportunidade para lançar um livro e nunca ninguém me respondia, nem dizendo que era ruim, e aquilo me colocou diante de uma situação: eu tenho que buscar outras alternativas e, como meu avô dizia, “é a dor que ensina a gemer” e eu gemi para o lado da internet e, por isso, essa gratidão tão grande. Agora, é claro que o livro, o cheiro do livro, esse contato, essa possibilidade de tá com o livro, lendo um livro numa rede debaixo de um pé de cajarana, se balançando, existe um sentimento e um mar de sensações que são inexplicáveis. Eu sou um leitor. Eu adoro ler. Como viajo muito e estou sempre em aeroportos quase todas as vezes que eu passo em um aereo-

porto eu entro em uma livraria e compro um livro e fico muito grato de hoje, por exemplo, poder também viver esse outro fenômeno, e ter lançado meu primeiro livro em abril do ano passado e ficar, em média, nove horas e meia a dez horas autografando livro pra todo tipo de gente, de todo tipo de idade, de todo tipo de classe, enfim, eu fico muito feliz hoje em tá numa fila de autógrafos e vê uma criança de cinco anos que vem e declama um poema meu decorado de cabeça e, depois dela, ela vem pegada na mão o avô, de noventa anos, diz também que me adora, que adora meus poemas, enfim, porque eu acredito muito que é muito importante em nosso país você estimular o gosto pela leitura numa criança, mas você resgatar o gosto da leitura num idoso é muito forte e mágico também, né? Então, eu acho que tem essa relação, eu tenho essa relação muito próxima, tanto com o livro, quanto com a internet e sou muito grato aos dois.

4. Fale-nos um pouco sobre a ideia do Poema com Rapadura?

Resp.: Poesia com rapadura surgiu por um acidente. Eu fui convidado para ir na televisão, pra falar sobre o meu ativismo em defesa da cultura nordestina, não foi como poeta, enfim, mas eu estava em um programa de televisão na maior emissora de TV do país, ao vivo, eu disse: “eu vou declamar um poema” e declamei. E quando eu declamei a poesia as pessoas se levantaram e bateram palmas. No final, o Diretor-Geral do programa Maurício Arruda, que hoje é um grande amigo, chegou pra mim e falou: “Nossa! Que lindo isso que você fez. Você escreve sobre tudo”? E, na hora, eu disse: “Escrevo. Eu sempre tive um sonho de transformar a vida das pessoas através da minha palavra; através do que eu escrevo e se eu tiver uma chance, eu vou fazer isso”. E aconteceu. No programa seguinte eu escrevi um novo poema sobre um dos temas lá no Encontro, com Fátima, e foi um sucesso novamente. Eu tô lá há três anos e meio, toda sexta-feira e sexta-feira se tornou um dia já marcado, que existe um encontro com a poesia e o povo brasileiro. Agora em dezembro, aliás, em janeiro saiu uma nota, foi feito um levantamento, o meu quadro “poesia com rapadura” no Encontro, com Fátima Bernardes, foi o conteúdo mais assistido de toda a plataforma digital da Rede Globo e eu fui o artista, conseqüentemente, mais assistido de toda a pla-

taforma digital de entretenimento da maior emissora de TV do país. É um poeta popular, nordestino, que nunca foi de televisão, nunca foi da rádio, nunca foi desse mundo das artes, da mídia e isso é incrível. E isso é mágico. Você alcançar uma marca de mais de cento e quarenta milhões de visualizações com poesia, e poesia popular brasileira, poesia popular nordestina, literatura de cordel e alguém que até um ano atrás era teoricamente invisível numa cidadezinha pequena no interior do Ceará. Então isso é mágico. Eu fico encantado, sim, por esses números porque eu acho que causam um impacto muito profundo dentro da própria plataforma de mídia, de se entender que existe, sim, um público no Brasil pra consumir cultura popular regional, cultura popular de raiz. Então, poesia com rapadura hoje, pra mim, tenho como uma grande oportunidade, mas também como um grande ato de coragem de toda semana ter que escrever algo inédito e chegar lá e declamar, ao vivo, com meu rosto, minha alma, minha voz, meu corpo e, principalmente, a minha essência, a minha alma. Por isso é que é de uma responsabilidade muito grande. Eu vou seguindo. Eu acho que tem feito bem a muita gente e, como eu sempre digo, a gente vem pra esse mundo doido sem trazer nada, vai embora sem levar, mas a gente pode deixar alguma coisa boa. Eu acho que a minha poesia tem sido essa missão: de deixar alguma coisa boa.

5. Quais os nomes de poetas e escritores que imprimiram, em sua carreira, fortes marcas literárias?

Resp.: Eu sempre cito e falo de Patativa do Assaré eu tenho um Patativa tatuado na minha alma, no meu corpo. Foi através de Patativa que tive meu primeiro contato com poesia, na sala de aula através de uma professora que passou um trabalho sobre a vida dele, e é um poeta popular, sertanejo, do interior do Ceará também, que falava de forma matutada, e de forma tão simples falava de amor, de saudade, de paixão, mas também falava de desigualdade social, de corrupção, da problemática da seca, da fome, da miséria, denunciava a corrupção. Patativa defendia o povo dele através da palavra e aí, tendo esse contato, eu botei na cabeça que ia ser poeta também igual a ele, e que um dia ia poder fazer o que ele fez. E ele foi, e é minha grande influência. Uma influência muito forte no meu surgimento como poeta, no surgimento do interesse pela poesia. Agora, é claro,

depois disso fui tendo contato com inúmeros outros poetas que eu admiro muito e que tem uma influência muito forte dentro de mim. O próprio Jesier Quirino, Chico Pedrosa, é muita gente que merecia, inclusive, muito mais espaço na mídia. Lourival Batista [também conhecido por Louro do Pajeú], Pinto do Monteiro [Severino Lourenço da Silva Pinto]. Os cantadores de viola Roberto Alves do Alto Santo e uma geração nova, Vinícius Gregório, Henrique Brandão e, muita gente, mas muita gente boa que merece, sim, muito mais espaço. E é interessante essa história da influência porque Patativa influenciou muito no surgimento do Bráulio Bessa escritor, poeta e tal, agora, quando eu ouvi pela primeira vez Cordel do fogo encantado, com Lirinha, e eu vi Lira declamando um poema pela primeira vez, eu fiquei apaixonado pela declamação, pela força que ele dava ao texto e foi quando eu comecei a declamar poesia também. Então, eu tenho esses dois grandes influenciadores na minha construção como poeta. Patativa do Assaré no meu surgimento como poeta, como escritor e Lirinha, do Cordel do fogo encantado, no meu surgimento como um declamador.

6. Recentemente você postou um vídeo na internet em resposta ao etnocentrismo de alguns brasileiros sobre o povo nordestino. A que se atribui, na sua concepção, a ideia de superioridade que existe em partes do Brasil? E qual o papel da poesia e do poeta neste cenário?

Resp.: Chico Anísio sempre dizia, quando foi perguntado sobre humor, e ele disse: “humor é tudo, até engraçado”. E quando me perguntam o que é o cordel, já que eu escrevo cordel, eu digo: “cordel é tudo, até poesia”. Cordel é um grito, é uma forma, sim, uma ferramenta social, uma ferramenta pra que você aborde qualquer tema que esteja sendo debatido, e sobre essa situação do preconceito, da xenofobia, isso aí sempre teve muito presente no meu trabalho como ativista da cultura nordestina; a criação da minha página “Nação Nordestina”, em 2011, surgiu da necessidade de uma resposta pro povo nordestino mostrar o que é que tinha de bom e usar a poesia pra responder, usar a poesia pra combater o preconceito, pra combater a discriminação, pra combater a xenofobia. Isso aí era uma missão que eu já carregava há muitos anos. Quando eu disse aí que

eu tinha um sonho de transformar vidas através da poesia, justamente era a possibilidade de poder falar e abordar assuntos de uma importância social como drogas, como homofobia, racismo, corrupção, a própria xenofobia, discriminação, violência. Então quando eu via a oportunidade de falar sobre o preconceito sofrido pelo meu povo, através de poesia, eu disse: “não pode existir uma linguagem melhor”. Usar a literatura de cordel, um elemento que tem uma força muito grande dentro da nossa cultura e que, sim, é uma manifestação cultural muito rica, muito sofisticada. Eu acreditei muito nessa coisa que, a força da coisa em forma de poesia, ia chegar mais longe. As pessoas iam dizer: “Rapaz, pensa num cabra sabido e eu gostei do que ele disse. Esse cabra me representa”.

7. Acredito que o começo de sua carreira não foi diferente da maioria dos brasileiros. Mas você venceu as principais barreiras e hoje é um poeta conhecido não apenas no Brasil. O que foi necessário acontecer na sua vida para que essa realidade fosse possível?

Resp.: Primeiro que eu fiquei feliz quando eu li aí na pergunta que hoje eu sou um poeta conhecido não apenas no Brasil, não sabia que eu era conhecido fora também. Já fiquei feliz aqui (risos). Eu sou nascido e criado numa cidade muito pequena, no interior do Ceará, onde como eu digo aqui “nós somos, teoricamente, invisíveis. Invisíveis para o Poder, invisíveis pra mídia, pro Governo, pras grandes empresas, e isso dificulta muito. Dificulta muito a possibilidade de você ser visto e poder mostrar alguma coisa boa. Eu comecei a escrever poesia muito novo; eu tinha quatorze anos de idade. Na época a minha cidade não tinha nem rádio. Então eu não tinha muito pra onde ir, pra onde tentar mostrar o que eu fazia. Uma vez escrevi um poema sobre a minha cidade e teve um comício; um comício de governador, deputado lá, que era quando juntava muita gente na praça e eu fui pedir pra declamar; criei coragem, ensaiei e fui pedir pra declamar esse poema em homenagem a minha cidade e lembro muito que, nem olharam pra mim direito e desconsideraram, e disseram que não podia; que aquilo não era lugar de menino; não era lugar de criança. Então eu tive muita dificuldade para conseguir mostrar o meu trabalho; pra conseguir fazer com que a minha arte, a mi-

nhá poesia chegasse até as pessoas. E como eu falei na resposta anterior. A internet teve um papel fundamental nesse processo e tem hoje. Você tira que aí hoje em dia, a cada dia, surgem novos talentos através da internet que você não conhecia e que jogam um vídeo na internet e viraliza; jogam textos, criam sites, enfim. Eu acredito nessa democratização, nesse poder de igualdade, de oportunidade que a tecnologia tem nos dado e, paradoxalmente, que tem dado essa oportunidade pro povo de mais pra dentro, do interior, das pequenas cidades, de sim, poder ser visto. Tive essa dificuldade, no início, mas depois que o povo viu, aí como eu disse, o povo ama poesia, o povo adora poesia e nem sabe. Quando tem o primeiro contato aí chuta a porta e entra pra dentro e foi assim que aconteceu.

8. O que você diria à juventude brasileira a respeito da leitura?

Resp.: Olha, o nosso país é uma país desestimulado à leitura. Eu acho que a juventude é muito inquieta; ela é muito impaciente. O que eu vejo hoje é que eu crio conteúdo pra internet, por exemplo, e vídeos pra internet o que se indica, por quase todo especialista, é que o vídeo tenha menos de quatro minutos porque as pessoas são inquietas e ninguém consegue parar quatro minutos, mais de quatro minutos pra ver um vídeo e aí você imagina se alguém vai parar e tirar uma tarde, uma manhã toda pra ler um livro. Por isso eu acho que as pessoas têm que ter mais calma. Tem que entender e desacelerar um pouco; de poder contemplar a possibilidade de deitar numa rede, ler um livro com calma, tomar um café e saber que aquilo ali é tão novo quanto você assistir um vídeo no YouTube. A leitura, a poesia, a arte, a literatura é atemporal e acredito muito nisso e, com meu livro, é interessante esse processo porque quando eu lancei o meu livro foi quando eu me senti realmente imortal. É como se tudo que eu tivesse feito já pra internet tivesse milhões de visualizações em vídeos lá, mas como se fosse algo fácil de ser esquecido; fácil de ser apagado e no dia que eu lancei o meu livro, que eu segurei no livro, pela primeira vez, eu me senti imortal. Eu disse pronto: “eu vô ser lembrado pra sempre”, sabe? Alguém vai levar esse livro pra casa e vai tá lá; vai tá na estante e daqui há cinquenta anos o filho dessa pessoa, o neto dessa pessoa vai pegar meu livro e vai ler. Então, o conselho

que eu dou pra juventude é que leiam; é que se permitam, também, o prazer da leitura.

9. Você concorda com a seguinte frase: “Para ser universal é necessário, primeiro, amar sua aldeia”. Quais as vantagens e desvantagens do regionalismo?

Resp.: Eu acredito muito nessa coisa de que toda cultura ela surge local com potencial pra ser global. Você precisa, sim, ser um embaixador de sua cultura. Eu acredito muito nessa força, sabe? Eu sou um cara apaixonado pela cultura popular nordestina, pela cultura de raiz, regional, do Sertão. Sou o Sertão, vivo o Sertão. Tem um poema meu que eu digo quem esquece de onde veio não sabe pra onde vai eu finalizo o poema dizendo isso. Eu nasci no interior, nunca neguei a ninguém; a terra que a gente vem merece todo amor; lá sorri e senti dor; lá eu fui feliz demais; e sempre que olho pra trás quero voltar sem ter freio, porque quem esquece de onde veio não sabe pra onde vai. Acredito muito nisso sim. Eu que você não pode ser é radical a ponto de se bloquear a novas culturas. Eu sou um cara do interior do Ceará, de uma cidade muito pequena; pra onde eu vou eu carrego a bandeira do interior do Sertão e tal, mas eu sinto uma necessidade muito grande de consumir outras culturas e viver outras culturas, de aprender, de viajar. Até agora eu tive a oportunidade na minha vida de fazer duas viagens internacionais, pra fora do Brasil, e fiquei completamente encantado quando eu senti esse contato de fora, com outras culturas e com a possibilidade espalhar a minha. Então, acho que sim, que você tem que ter esse amor, esse apego pelo seu local. Você tem que ser, sim, um embaixador da sua cultura, porém, sem nunca se bloquear a ser um receptor de novas culturas, e pra que isso, também contribua, com sua bagagem, com sua bagagem humana, espiritual, cultural, enfim, intelectual. Então, eu tenho muito essa coisa da liberdade, sabe? De poder espalhar a minha cultura por onde eu for e por onde eu for, eu também, trazer um pouquinho de onde eu passe.

10. Caminhando para o final de nossa entrevista, quais suas obras publicadas e quanto tempo de carreira?

Resp.: Em abril do ano passado [2017] eu publiquei

meu primeiro livro, que se chama Poesia com rapadura pela editora Cene, aqui do Ceará, e foi um momento muito bonito pra mim, como eu falei anteriormente, acho que foi quando eu me senti eterno, quando eu publiquei esse livro. E aí a gente já finalizou o segundo livro; o meu segundo livro [Poesia que transforma] sai agora em agosto pela Sextante, a editora que me abraçou de forma muito, muito carinhosa, com muito respeito, com uma dedicação e que me deixou muito feliz. Eu já acompanhava as obras; eu sou um fã da filosofia da Sextante, então tô muito feliz agora em agosto sai meu segundo livro e tô aí na expectativa muito grande. O livro vai trazer poesia, mas também vai trazer uma narrativa minha, depoimentos de pessoas; está bem bonito.

11. Em nome de todos os leitores do Jornal daBiblio, te agradeço pela gentileza em participar conosco na produção de conhecimento literário. Faça suas considerações finais.

Resp.: Olha, a gratidão é minha, a gratidão de tá tendo esse espaço, como eu disse, por ser de uma cidade muito pequeno, artista popular, eu tive sempre que enfrentar essa barreira da invisibilidade em tudo que eu fazia, então, a cada vez que eu tenho uma oportunidade de falar pra alguém, seja pra uma pessoa ou pra um milhão, em um pequeno estúdio de rádio, no interior ou quando eu estou na maior emissora do país falando pra milhões de pessoas eu sinto esse sentimento de gratidão; essa necessidade de agradecer a Deus por poder compartilhar o meu trabalho, a minha arte, a minha essência, a minha missão. Como eu falei no começo eu tenho isso, hoje, como uma missão e eu tô aqui, agora, tendo essa oportunidade com vocês de falar dessa minha missão, dessa minha luta, da minha história, que uma história que se confunde com a história de tanta gente. Eu não sou nenhum herói. Eu sou alguém que batalhou muito; que correu muito atrás e que buscou oportunidade, e quando as oportunidades apareceram aí eu agarrei e filei com dente mesmo. Então, muito obrigado pelo espaço, tô muito feliz em poder, também, agora fazer parte dessa história e chegar até o coração de mais gente. Tomara que, também, a minha poesia adoce o coração de todos os leitores. Xero. ♦



Roberto Marchiori
 Autor do livro *Consciência com Ciência*
 pela Biblio Editora

Ciência e

Vida Consciente

Os princípios da ciência aplicados à existência para uma vida consciente

Qual o significado e a importância dados hoje à palavra “consciência”? Ela dirige realmente a vida dos seres humanos? Mas afinal, tentar seguir a própria consciência é necessário, ou o sentido da vida é perseguir sucesso, dinheiro, poder? Quais as consequências de uma vida que não esteja em simbiose com a Natureza e com a sociedade? Essas perguntas simples são mesmo necessárias?

Analisando esses dilemas, alguns de nós podem perceber, com certa perplexidade, que há uma grande probabilidade que essas perguntas tão essenciais não sejam tão “essenciais” para maioria das pessoas. As religiões indicam um caminho consciente baseado no respeito e no amor. Se baseando no comportamento humano na sociedade, a influência das religiões nas pessoas não parece ser suficiente. E a pergunta espontânea se torna a seguinte:

Porque a religião não parece ter influência suficiente?

A religião, qualquer que seja, tem um pressuposto: precisa de fé. Pessoalmente, em qualidade de cientista, não fico satisfeito quando necessito de “fé” para acreditar; isso, para mim, têm o significado de renúncia ao uso de uma análise consciente. Naturalmente a fé é um ótimo auxílio, mas é suficiente? Afinal, nós seres humanos temos um cérebro, órgão que define nossa existência como raça humana, su-

postamente únicos entre os animais do planeta a poder pensar de maneira “consciente”. Graças ao uso do nosso potencial intelectual somos seres questionadores e podemos escolher como viver, modificando as trajetórias que seriam pré-definidas se vivêssemos somente seguindo nosso instinto e nossas emoções. Inevitavelmente, o ato de questionar impulsiona o ser humano racional também na busca de algo mais objetivo para entender a vida e suas regras. A estrutura mais objetiva que temos a disposição para entender a realidade é construída a partir das leis da matemática e da física, que constituem a gramática da linguagem que descreve os fenômenos naturais.

Para mim o uso da ciência como guia de vida se tornou, então, o caminho principal na busca da verdade. A nova abordagem à ciência aqui proposta (MARCHIORI, R., 2020), além de oferecer analogias entre as leis da física e os vários aspectos do comportamento humano, traz também novas perspectivas para quem quer aprofundar o estudo da matemática, da física e das diferentes ciências básicas em geral, fundando uma nova metodologia de ensino da ciência. É importante salientar que a tecnologia está determinando nossas vidas e, no futuro, a ciência terá um papel cada vez mais central e fundamental para o desenvolvimento da sociedade. Contradi-

toriamamente, o interesse dos jovens na ciência está diminuindo. As pessoas estão se afastando da compreensão das tecnologias, apesar de utilizar cotidianamente ciência e tecnologia.

Em outras palavras, poder usufruir da tecnologia está se tornando o principal interesse, sem se preocupar em entender a ciência geradora da tecnologia. Além disso, a tecnologia está afastando as pessoas da própria humanidade, das relações interpessoais, da percepção empática do próximo. Isso parece sugerir que a ciência seja desumana. Nada mais incorreto! O estudo e análise da ciência através da observação da Natureza indicam que todos os fenômenos naturais respeitam dinâmicas definidas por leis matemáticas. Mais além, existem muito exemplos de plantas e animais que evoluem respeitando leis de crescimento matemáticas, ou, mais em geral, baseadas em princípios físicos como, por exemplo, o “princípio de minimização da energia”. A ciência permite interpretar e expressar as leis de crescimento biológico como resultado de uma simbiose entre os seres biológicos e as condições específicas presentes no nosso planeta.

Eis um motivo muito interessante para se inteirar um pouco mais com o estudo da matemática e da física. Para terminar essa rápida introdução ao uso da ciência no percurso da evolução consciente do ser humano, o estudo da ciência com esse foco, mais filosófico e humanizado, incentiva fortemente o interesse na ciência, principalmente para quem sente a necessidade de fazer uma autoanálise mais objetiva possível. A busca dos verdadeiros objetivos da vida, o entendimento da conduta que esteja em simbiose com a Natureza e com a sociedade, além de muitos outros aspectos da vida, pode ser conduzida através dessa nova maneira de estudar e entender a ciência. Essa busca se torna necessária na medida que entendermos as consequências de nossa conduta. A ciência é bem clara quanto a isso!

Quem prejudica o próximo ou o ambiente, de forma geral, sofrerá as consequências segundo uma economia globalizada”, para usar um termo hoje muito na moda.

Um simples exemplo entre todos: uma das leis mais básicas da Natureza é o princípio de “ação-reação”, conhecido como “terceira lei da cinemática” ou “terceira lei de Newton”. Tudo, no universo, precisa respeitar essa lei, porque o ser humano não deveria, então?

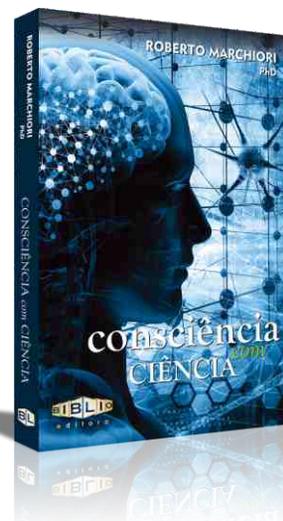


Exemplo de aplicação da lei de ação-reação: a energia gerada pelo impacto entre a primeira bolinha e a vizinha é transferida até a última bolinha, que se encontra na posição oposta, que subirá na mesma altura inicial da primeira bolinha. A ação da primeira bola gera uma reação igual e contrária na última bola.

Esse simples exemplo constitui um alerta para os seres humanos; nossas ações terão consequências, voltando para, ou contra, nós. Viver de maneira equilibrada, em simbiose com o próximo, com a sociedade e com a Natureza, é a melhor forma de ter uma vida feliz e construtiva, sem sofrer consequências negativas devido a uma conduta em desequilíbrio com o sistema. É muito positivo o fato de que cientistas da era moderna estão considerando novamente ciência e filosofia como duas faces integradas da realidade, voltando a ter a postura que os cientistas tinham antes da segunda grande guerra (1939-1945). Essa recuperada linha de pensamento permitirá entender melhor os universos que caracterizam nossa realidade, tanto o exterior quanto o infinito universo interior do ser humano. Chegou a hora do ser humano adquirir uma visão holística da vida, já que ele está indissolúvelmente integrado com o Cosmos.

Referência

MARCHIORI, R., 2020: MARCHIORI, R.; **Consciência com Ciência**, 1a Ed., Biblio Editora, Dourados, 2020.



Consciência com Ciência

A obra será lançada pela Biblio Editora.

Roberto Marchiori é Graduado em Física, mestre e doutor em Engenharia de Materiais, pós-doutor em ciência dos Materiais e em Nanotecnologia, desde 2009 professor titular da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). O autor seguiu, em sua vida, um percurso de formação multidisciplinar, constantemente guiado pela vontade de aprofundar ao máximo o entendimento da ciência e da vida, profundamente interconectadas.

A Literatura como Patrimônio Histórico e Cultural Imaterial

A literatura é parte integrante do patrimônio cultural imaterial de uma cidade, estado ou país. Além disso, tem uma importante relevância na geração do sentimento de identidade e continuidade de um povo, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

Mas afinal, o que é um patrimônio histórico imaterial? Segundo informações do Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas).

Tomemos como exemplo as crônicas que os jornalistas e escritores publicam nos periódicos. Hoje talvez, damos pouca importância aos fatos do cotidiano relatados nelas. No entanto, são de imensa relevância como registro de uma época. Muitas das histórias que conhecemos de tempos passados são contadas por meio da literatura, que através dos romances, crônicas, contos, poemas, fazem a reconstituição de um período da história. Através da ficção, os escritores narram como as pessoas vivem, como são seus hábitos, costumes, ideias e sentimentos, transmitindo conhecimentos e retratando a relação en-

tre os humanos e a sociedade. Textos literários escritos há mais de um século continuam ecoando, fazendo com que as histórias, neles contadas, permaneçam no seu processo evolutivo.

A literatura tem trazido à tona o que a história oficial, muitas vezes, faz questão de apagar. Em verso e prosa, o escritor diz o indizível, dá voz às minorias, sendo fiel aos anônimos, cujas narrativas tecem a imaginação e o universo de nossas marcas simbólicas. ◆



Renata Dal-Bó

Jornalista e escritora. Graduada em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pós-graduada em Língua Inglesa e mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). Mora em Tubarão, SC, onde há oito anos possui uma coluna semanal de crônicas no Jornal Diário do Sul. Presidente coordenadora da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil (AJEB) – coordenadoria de Santa Catarina, e membro e assessora cultural da Academia Tubaronense de Letras (Acatul). Apresentadora do programa Bate-Papo Literário na Unisul TV, que tem como objetivo divulgar e incentivar a literatura e os autores locais. Em 2015, lançou seu primeiro livro “Histórias, Sonhos e Imaginação”, uma coletânea de suas crônicas publicadas no jornal. Em 2018, lançou seu segundo livro “Para ti”, que são crônicas de memórias sobre suas viagens em família. Participou de várias coletâneas, entre elas as da AJEB “Palavras 2018” e “Palavras 2019”. Em 2019, organizou a primeira antologia da AJEB-SC “A Arte do Encontro pela Palavra”.



Rogério Fernandes Lemes
Escritor, Poeta e Editor



deu ácaro em Ícaro

imagem: media-exp | ilcch.com

O título acima é um empréstimo descarado de uma publicação da escritora gaúcha, radicada em Campo Grande (MS), [@zimmermannjanet](#) vencedora do Prêmio Guavira na categoria Poesia. Não apenas acompanho suas publicações como também procuro extrair, ao máximo, o fio de Ariadne de sua poética.

A publicação de Janet não era exatamente como o título deste texto, mas esta: “E deu ácaro no Ícaro sem asas”. Instantaneamente pensei nos milhares de exemplares de livros, Brasil a fora, mofando nas estantes, caixas úmidas e prateleiras empoeiradas, quando não, como suporte para escoro de toda natureza. É uma tristeza saber que os livros revelam ensinamentos e caminhos iluminados e são desmerecidos dessa forma.

Ao *Busilis* então. O livro que está sob o *mouse* do meu computador, servindo a outro propósito, temporariamente, é de autoria do [@vaskovasconcelos](#) (Professor Vasko), o cearense mais sergipano que já conheci. Seu livro, *Busilis*, publicado em 2015, é um esforço intelectual para presentear adolescentes e jovens. A lexicografia diz que *busilis* é o cerne da questão ou do problema. E qual seria o problema dos autores brasileiros?

Para muito além de pensar nas dificuldades econômicas na produção de um livro, existe a temida e desafiadora falta de leitores. Escrever um livro apenas para engrossar o mofo e alimentar os ácaros não cumpre a função social da produção do conhecimento. Não há lógica em destruímos árvores para produzirmos livros para traças devorarem. Seria mais aceitável deixarmos as árvores para a produção de nosso *oxigênio*.

Confesso que ainda não sei, com precisão, a real intenção da autora, mas a associação à falta de leitores revela-se interessante em uma país que ainda lê pouco, se comparado a outras *culturas*. Ciente de que a falta de leitores é uma pedra no caminho dos autores, outro questionamento interessante é sobre o tipo de leitura preferido por boa parte dos brasileiros.

Levantamentos recentes apontam para os livros de *autoajuda* e *religião*. A partir de tal constatação, erraria-

mos menos se entendêssemos como uma curiosidade a respeito do *suprassensível*? Ou, ainda, uma busca consciente para superar a *dor de ser humano*?

Um verdadeiro labirinto são as certezas humanas sobre o desconhecido. Assim como Dédalo, pai de Ícaro, construímos condições favoráveis não apenas para entrarmos, mas, principalmente para sairmos dos labirintos da vida. Utilizamos, para tal, mapas corroídos pelo tempo e pelas traças; com informações desencontradas e construídas, em grande parte, para nos manter estáticos. Uma importante dica para a libertação das amarras de nossas certezas encontra-se nas inúmeras páginas dos livros produzidos ao longo da história da humanidade. É necessário apenas motivação para apreciá-la, interpretá-la e aplicá-la a uma vida de contemplação e entendimento. Tire as traças, espante os ácaros, leve seus livros preferidos para o banho de sol e ilumine-se com tamanha satisfação.

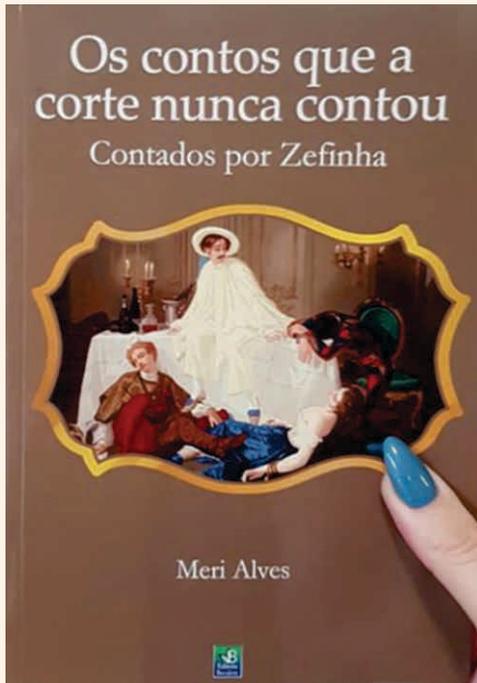
Mais do que um jogo de palavras, Ícaro realiza o sonho de voar para longe de sua prisão, o *labirinto do Minotauro*, assim como nós, de nossa finitude. Não voar perto do sol ou próximo ao mar foram as advertências que o jovem Ícaro ignorou. O desejo de se aproximar pelo Sol foi fatal para sua queda, no mar Egeu.

O voo de libertação da ignorância também requer advertências prudentes. Boas leituras, reflexões sobre aquilo que se lê, aplicabilidade no cotidiano são relevantes observações para quem deseja voar livre, leve e solto na imensidão do conhecimento.

Não serão asas de penas e cera ou as paredes deste mundo as responsáveis por nosso movimento limitado, mas a atenção aos ensinamentos, duramente, materializados nas páginas dos livros. Duas coisas entendemos como extremamente cruéis: a *não compreensão da condição humana* e o *banquete farto das traças*. ◆

Rogério Fernandes Lemes é um autor brasileiro com cinco livros publicados. Presidente-Fundador da ACAL, no ano de 2018, em Amambai (MS). Instagram: [@rogeriocisoms](#)

◆ Dicas de Leitura



Indicamos aos nossos leitores e leitoras o livro de contos, recém-lançado, da escritora catarinense Meri Alves intitulado “Os contos que a corte nunca contou – contados por Zefinha”. Com bom humor e ousadia Zefinha narra, de forma muito divertida, fatos da história do Brasil relacionados à vinda da Família Real no Brasil. Trata-se de uma releitura humorística regada com caipirinha e acompanhada de aperitivos como torresmo e a deliciosa feijoada brasileira. Meri Alves é acadêmica da ALBSC de Criciúma, SC e da AJEBSC.

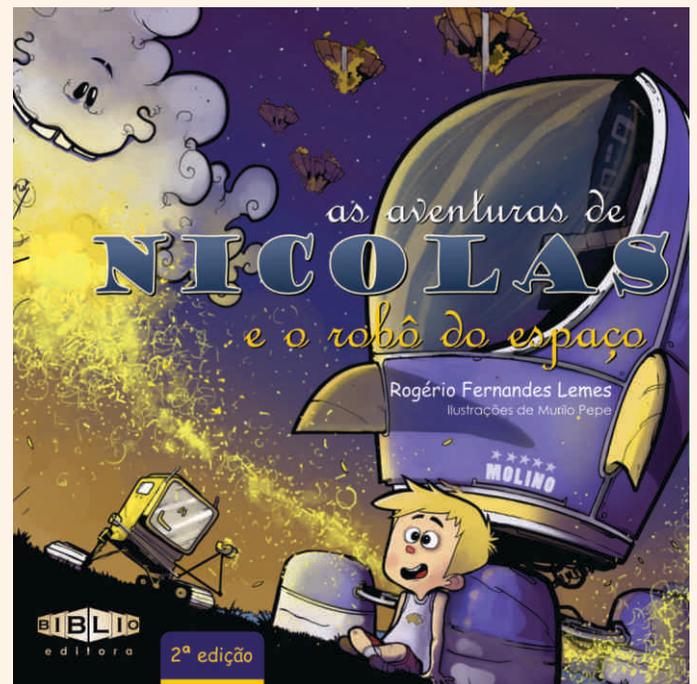
Vale a pena conferir!



Meri Alves
Autora brasileira

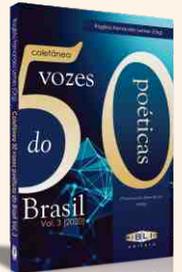
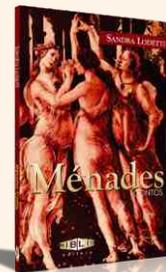
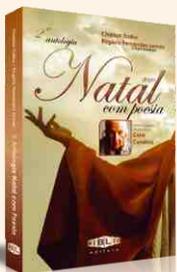
O quintal de Nicolas é o local perfeito como ponto de partida para suas incríveis aventuras, ao lado de lipe, um robô do espaço e seu inseparável amigo. com auxílio de um lindo e rápido foguete, os personagens farão viagens fantásticas e aprenderão sobre a importância da amizade, do respeito e da preservação do meio ambiente. embarque nesta aventura você também!

Frete grátis para todo Brasil. Peça já o seu!



Rogério Fernandes Lemes
Escritor, Poeta e Editor

◆ Próximos Lançamentos



Seja você também um autor ou autora da Biblio Editora. Peça seu orçamento e surpreenda-se!
Siga a Biblio nas redes sociais. **Contato:** (67) 99939-4746 ou biblioeditora@gmail.com

Siga-nos nas redes sociais: #jornaldabiblio



As aventuras do sofá mágico

Noite fria de inverno, Laís, uma estudante do 3º ano do Ensino Fundamental acaba de chegar em casa.

Depois de um dia muito agitado, entre idas e vindas, da escola ao balé, se encontra agora, sentada no sofá da sala, ao lado de sua mãe.

Laís é uma menina muito esperta, tem lindos cabelos cacheados e gosta muito de inventar histórias, vive no mundo da fantasia. Às vezes parece distraída e é também, um pouco esquecida.

A mãe, professora Sabrina também teve um dia bastante desgastante. Conhecida como Bina por seus alunos é uma mulher bonita, aparenta ser mais jovem, pois está sempre sorrindo, inteligente e muito animada.

Agora ambas estão ali, lado a lado, no sofá cinza da sala. É um sofá grande, caberia facilmente umas seis pessoas, mas elas estão amontoadas no cantinho, como se o mundo fosse somente delas.

Na sala há um aparelho de televisão que se encontra, geralmente, desligado. Elas até gostam de assistir alguns programas, mas hoje não.

Hoje é quarta-feira, um dia especial na semana de mãe e filha. É o dia em que elas chamam de “dia da fantasia”!

Não, não, elas não estão prestes a trocar de roupas e desfilar de um lado para outro.

O dia da fantasia é um dia muito especial. É o dia em que elas imaginam e escrevem histórias.

Numa dessas histórias, elas imaginaram que o sofá era mágico e podia se transformar em coisas bem legais.

Nesse momento, o sofá se transformou numa nuvem grande e muito cinza. Era uma nuvem cheia de água, estava prestes a chover... E elas pisavam sobre a nuvem e às vezes mergulhavam dentro dela. Uma água bem gelada!

– Mãe, mãe, posso tomar banho de nuvem?

– Pode, mas não vá se molhar – disse a mãe fazendo piada.

– Ei, mas como pode isso? – disse Laís um pouco indignada.

Elas se olharam, deram uma gargalhada e pularam na nuvem...

Foi água para todo o lado. Nadavam para cá, nadavam para lá... e para todo o lado. E novamente tornavam a mergulhar.

A brincadeira estava muito divertida, quando de repente ouviram um barulho de trovão, e alguém gritou:

– O que vocês estão fazendo, estão no mundo da Lua? – Parecia uma voz conhecida, vindo de algum lugar, mas elas não queriam voltar a realidade.

Nessa hora, um raio saiu tão forte que rasgou a grande nuvem.

A nuvem começou a esvaziar, feito uma piscina e a água come-

çou a cair feito chuva.

Era chuva, muita chuva...

E elas caíram na nuvem, parando direto no chão.

Sim, elas caíram, mas não se machucaram, pois, imaginação não dói.

Caíram na gargalhada quando viram que havia um homem de pé, ao lado do sofá, com a cara fechada, sem entender nada e querendo saber o que elas estavam fazendo atiradas no tapete da sala.

Foi nesse momento que elas identificam a voz antes desconhecida, era o pai se Laís que havia chegado do trabalho. Seu nome era Matheo, um policial aposentado, que passava os dias dedicando seu tempo à suas duas paixões: motos e sua coleção de miniaturas.

– Desculpa meninas, não queria acabar com toda a brincadeira – disse ele.

– Fica tranquilo papai, haverá outras quartas-feiras – disse Laís muito feliz. ♦

Cheiene
Damázio
Uggioni



Conto publicado na antologia “O livro mágico 3” da editora Beccalete. Escrito por Cheiene Damázio Uggioni sua filha Lavínia Damázio Branco. Cheiene é professora de Geografia e Lavínia é estudante do 5º ano do Ensino Fundamental. Lavínia gosta de leitura, sonha ser uma grande escritora e publica resenhas dos livros que lê no Instagram @laviniaescritora.





Por Denise Caramori

Não basta amar os filhos, é preciso também gostar deles

Uma das mais maravilhosas surpresas de uma mãe e um pai é descobrir o enorme prazer de deixar que seu filho seja criança, até mesmo um monstinho de vez em quando, e quando ele cresce; deixar que ele seja ele mesmo. Amor e acolhimento para com os filhos? Sim, isto é possível, e eles não precisam mudar para que nós os amemos, precisamos apenas respeitar quem e o que são; respeitar nossos filhos como eles são, corrigindo-os e educando-os no amor e como escreveu Khalil Gibran, no seu livro - O profeta: "Vossos filhos vêm através de vós, e não de vós, e embora estejam junto de vós, não vos pertencem. Podei doar-lhes vosso amor, mas não vossos pensamentos, pois eles têm seus próprios pensamentos..."

Rir com eles das piadas mais bobas, e mostrar-se compreensivo com as suas dificuldades. Sim, seja bobo, faça careta, corra e ria. Não existe melhor brinquedo educacional para seu filho do que você mesmo, e o único que é adequado para todas as idades, e tudo o que você tem que fazer é estar presente.

Antes de se tornar pai ou mãe, você provavelmente

te tinha um opinião formada sobre a maneira de criar um filho, e na certa observava as crianças a sua volta apontando onde é que estavam os erros das mães, quanta criança mal educada havia no mundo não é mesmo? Até que seu filho chegou, agora sim você terá um pouco mais de paciência com suas próprias limitações, vai sorrir para pessoas empurrando carrinhos no supermercado, com crianças devorando as compras e tentando pular do mesmo, e terá mais empatia e compaixão quando se deparar com aquelas mães descabeladas e seus filhos irritados. Então, hoje você percebeu que faz parte do time, fique tranquila ou tranquilo, os pais sabem mais sobre criar filhos do que eles mesmos pensam que sabem, e se há uma certeza, é de que você vai errar na educação deles, como me disse um pediatra aqui na cidade de Dourados, que me ajudou muito e com quem aprendi muito. À medida que você aprende a confiar em si mesmo, adquire a sabedoria para evitar pessoas e situações que o façam se sentir culpado, e se de vez em quando sucumbir às dúvidas sobre sua capacidade, lembre-se de que criar filhos é

uma responsabilidade, nunca uma carga, e a única coisa que seu filho espera é que você esteja lá para quando ele precisar.

Você está achando difícil e cansativo criar filhos hoje em dia, pois bem, vamos falar então sobre educação positiva: crianças aprendem com aquilo que está ao seu redor; se você critica muito uma criança ela aprenderá a julgar; se você elogia a criança pelo seu esforço ela aprenderá a valorizar; se a criança é tratada com hostilidade, ela aprenderá a brigar; se você for justo com a criança, ela aprenderá a ser justa; se você frequentemente ridicularizar uma criança, ela se transformará em uma pessoa tímida e com baixa autoestima; se pelo contrário ela cresce sentindo-se segura aprenderá a confiar nos outros; se você denigre e insulta a criança com frequência, ela desenvolverá um sentimento de culpa que não é saudável, mas se você usa palavras de afirmação e elogia o que ela tem de bom e o que ela faz de melhor e da melhor maneira que consegue e dá conta, ela conquistará autoconfiança; se a criança vive em um ambiente amigável, sentindo-se amada, aprenderá a encontrar o amor no mundo.

Concentre-se em desenvolver o lado bom da criança, de maneira que não sobre espaço para outras coisas, escute sempre seu filho quando ele quiser fazer uma pergunta ou um comentário; ajude a criança a assimilar o que ela não conseguiu fazer, faça isso enchendo o espaço que o rodeia com cuidado, discrição, silêncio oportuno e amor, e sempre, quando se dirigir a criança faça isso com amor, carinho e respeito; dê a ela o melhor que há em você, e pode ser que você esteja nervoso e irritado, tenha tido um dia cansativo no trabalho, tudo bem, porém, se você não puder falar com respeito e amor, espere até que possa.

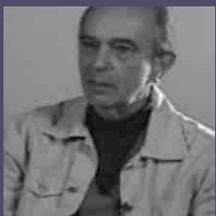
Criança não é boba, criança tem antena nos cílios, criança tem gravador nos ouvidos, criança guarda tudo o que enxerga, criança entende melhor do que um adulto, adulto costuma só pensar em si mesmo, criança pensa em como ajudá-lo. As nossas crianças de hoje serão os adultos de amanhã. Como na música do cantor e compositor Arnaldo Antunes... “saiba: todo mundo foi neném, Einstein, Freud e Saddam Hussein, quem tem grana e quem não tem... Saiba: todo mundo teve infância, Maomé já foi criança, Arquimedes, Buda, Galileu, e também você e eu... Saiba: todo mundo teve medo, mesmo que seja segredo, Nietzsche e Simone de Beauvoir, Fernandinho Beira-mar... saiba: todo mundo vai morrer, Presidente, General ou Rei, Anglo-saxão ou Muçulmano, todo e qualquer ser humano... Saiba: todo mundo teve pai, quem já foi e quem ainda vai, Lao Tsé, Moisés, Ramsés, Pelé, Gandhi, Mike Tayson, Salomé... Saiba todo mundo teve mãe, Índios, Africanos e Alemães, Nero, Pinochet e também eu e você”.♦

Denise
Caramori



Nasceu em 1980 em Dourados/MS. É formada em Letras; Pós-Graduada em Estudos da Linguagem e Psicopedagogia; Terapeuta pelas Constelações Familiares Sistêmicas, segundo Bert Hellinger; Capacitada no programa de Neurociência/Intervenção em Leitura e Escrita; Alfabetização pelo Método Boquinhas e Transtornos do Espectro do Autismo; Rodas de Leitura; Linguagem e Contação de histórias; Formada em Pedagogia Sistêmica pelo IAP/CG; Especializada em Equoterapia e Profissional de Equitação para Equoterapia; Articulista dos Jornais: Douradosnews e jornalmsonline; Atende como Psicopedagoga e Terapeuta no Instituto Marcio Wink e como Equoterapeuta no Exército Brasileiro/CHD, em Dourados/MS.

Faleceram entre janeiro/abril de 2020



Luiz Parreiras

Ator

Faleceu em 5/01/2020 (SP)



Tunai

Cantor e compositor

Faleceu em 26/01/2020 (RJ)



Zé do Caixão

Cineasta, ator e roteirista

Faleceu em 19/02/2020 (SP)



Cláudia Telles

Cantora

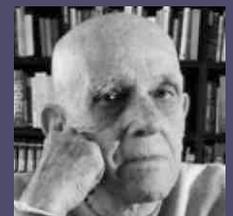
Faleceu em 21/02/2020 (RJ)



Moraes Moreira

Cantor

Faleceu em 13/03/2020 (RJ)



Rubem Fonseca

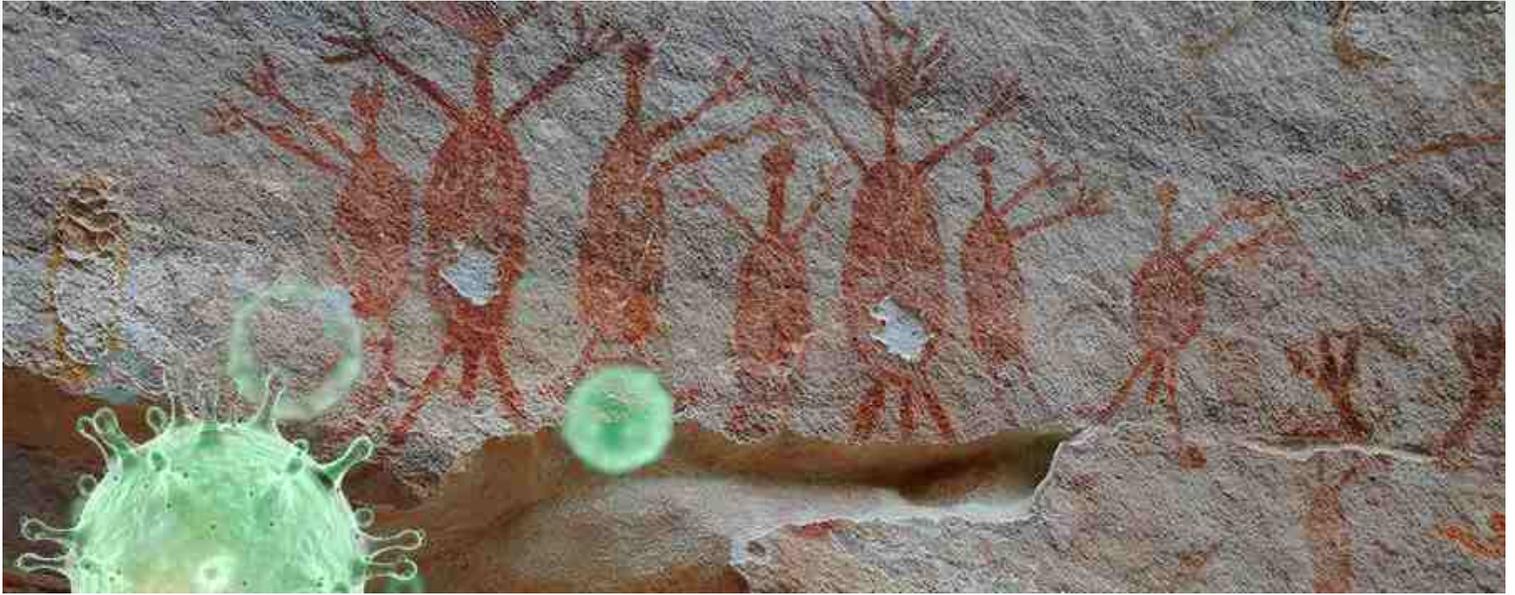
Romancista

Faleceu em 15/04/2020 (RJ)

Pandemia, cultura e a valorização do sensível

Por Andressa Batista e Emily Lamarão

Imagem: s2.glbimg.com



Vivemos um período caótico no mundo passando por uma crise, sem precedentes, movida pela pandemia da Covid-19. A necessidade do distanciamento social, na tentativa de salvar vidas, trouxe também um reflexo na economia atingindo diversos setores, bem como um grande impacto financeiro e social, que nenhum de nós se preparou, devidamente para isso. Todos já sabemos, mas como os setores sobreviverão a esse grande impacto? Como sobreviverão, em especial, os setores que já tinham grandes gargalos para serem vencidos?

O campo da Cultura sempre esteve em uma posição delicada nesse país. Os poucos períodos em que o extinto Ministério da Cultura (MINC) atuou foram marcados por iniciativas válidas, mas, com pouco fôlego de sobrevivência, a observarmos agora, a inexistência de ações no que tange ao Fundo Nacional de Cultura (FNC), por exemplo. O fato é que o campo das artes sempre correu, muito, atrás de oxigênio para sobreviver. É, desde sempre, um setor que teve pouca valorização financeira e social, mas, sobretudo agora, passa por um momento ainda mais delicado. Como sobreviver a essa crise, sendo impossíveis as práticas que aglomeram pessoas? Como sobrevivem os artistas que se apresentam na noite,

que trabalham nos semáforos, que têm como ofício o contato com o outro? Como sobreviver à crise um setor que já estava, desde antes da pandemia, em crise?

Os artistas, em sua maioria, são seres que buscam aliar o sensível ao racional. Que criam obras e as apresentam-expõem-exibem para um público que as prestigia. Por sua vez, os gestores, produtores e mediadores culturais são profissionais que buscam criar as formas de tornar essas ações possíveis. São pontes que ligam os artistas aos públicos; as obras, aos expectadores. São todos, por essência, seres criativos e – motivados pela constante crise em que vivem – seres que se reinventam. Nesse momento, de distanciamento social, são vários os profissionais do campo das artes criando novas formas para o seu fazer. Tem crescido nas redes os debates sobre a crise do setor cultural. Tem aumentado os cursos EAD sobre Gestão e Produção da Cultura. Temos, todos os dias, um sem número de lives de artistas e demais profissionais do campo das artes. Mas quem paga por essas iniciativas? Sim, porque os artistas precisam, como todos os outros, pagarem suas contas, se alimentarem, comprar remédios. Não cabe mais, no momento em que vivemos, a não compreensão

desse princípio básico. Se houver algo positivo, que a pandemia nos trouxe, foi a possibilidade de repensar velhos conceitos e de, quem sabe, construirmos outros.

Uma das melhores ações que essa pandemia trouxe foi, seguramente, a possibilidade de conhecermos, ainda mais, o trabalho dos artistas de cada Estado. A Região Norte conta com um alto número de profissionais do campo das artes altamente capacitados, e que conseguem cada vez mais alcançar em suas redes. Sabemos que esse contato virtual de forma alguma substituirá o contato físico, o olho no olho, o estado de presença. Mas acreditamos que esse novo engajamento seja um caminho para estabelecer novas relações com esse público para que, quando possível, consigamos nos encontrar pessoalmente. Pois uma coisa é certa: devido ao distanciamento, várias pessoas recorreram ao pulsar da cultura, que são os artistas.

Aumentou a leitura, a procura de espetáculos, shows, bem como a procura por filmes e séries. Muitas pessoas passaram a dedicar um tempo maior a cantar, dançar, pintar, ler. A cultura se tornou o momento do lazer em meio à pandemia. O respiro necessário que nos traz força para continuar esperando esse momento passar. Os pais voltaram a ler para seus filhos; a pintar com eles como quando crianças; a ver animações pela TV. Os casais assistem as lives e shows dos artistas juntos, cantam no karaokê, dançam como a moda antiga. De repente, vemos vários hábitos culturais distintos entrando na vida da população novamente e a grande pergunta que fica é: como conseguimos passar tanto tempo sem fazer isso? E o quanto estamos dispostos a abrir mão disso quando a pandemia passar? Sim, um dia ela vai passar. Mas que lição tirar dela? Será que pós Covid-19 estaremos, finalmente, prontos para valorizar o que nos toca o sensível, para além de seguir a velha rotina de acordar cedo, pegar o transporte, trabalhar, pegar o transporte e dormir cedo para novamente acordar cedo?

Estaremos dispostos a olhar o trabalho artístico como um trabalho que precisa, naturalmente, ser remunerado? E dizemos remunerado no sentido real da palavra, porque infelizmente, divulgação não paga as contas de ninguém, muito menos as compras do supermercado. Será que, no pós-pandemia, estaremos enfim prontos para destinar uma parte do nosso recurso e capital para cuidar da alma e não

apenas do corpo físico? Esperamos sinceramente, que sim.

Esperamos que cada leitor possa, em sua essência, valorizar devidamente o que lhe toca o coração. Que não passemos a vida correndo atrás do dinheiro ao mesmo tempo em que perdamos a vida, nessa busca incessante. Se hoje fosse o seu último dia aqui, que sensações você gostaria de ter?

Aquelas do corre-corre, de todo dia, ou essa que você experimenta quando uma obra de arte te tocou a alma? Que saibamos aproveitar esse momento para equilibrar as nossas necessidades físicas, com as nossas necessidades emocionais. Que saibamos sair dessa pandemia, mais curados, e não mais doentes do que entramos nela.

Nossa sugestão é que, o melhor caminho, é a Cultura. ♦

Andressa
Batista

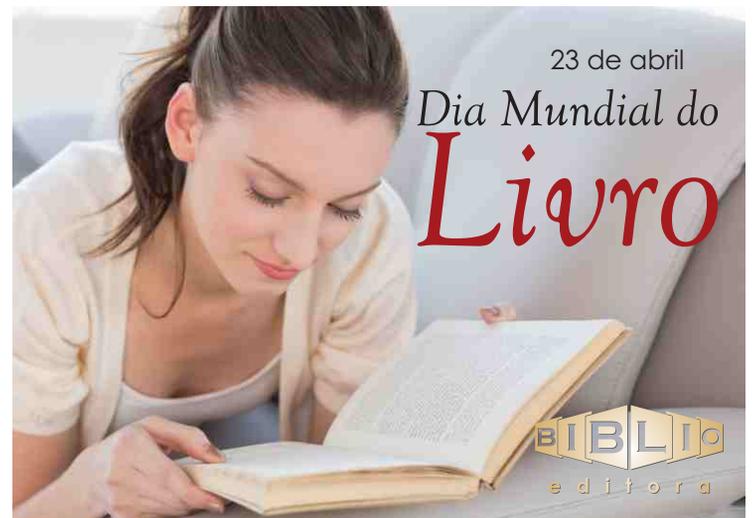


É artista, produtora, gestora cultural e mulher amazônica; licenciada em Artes Cênicas e Especialista em História e Cultura Afro-brasileira e Africana, pela Universidade Federal do Acre e graduanda em Produção Cultural, pela Universidade Cidade de São Paulo. Atualmente desenvolve projetos nas áreas das artes da cena, em especial com atividades de circo, teatro e dança.

Emilly
Lamarão



É graduanda de Produção Cultural; rondoniense de raízes amazônicas e trabalha com produção cultural há 10 anos. Desenvolveu projetos de ações culturais e sociais no Estado de Rondônia e atua, no cenário cultural, de diferentes linguagens.





Por Luar Méndez

O Cangaço como ele é

Creio eu e vocês devem convir que não há assunto mais polêmico na história do nordeste quanto o advento do Cangaço, tema que divide opiniões das mais diversas e provocam discussões inflamadas de paixão e ódio.

O que de verdadeiramente foi o advento do Cangaço? Para tecer minha opinião, devemos examinar bem os fatos.

Em 1834 são vistos pela primeira vez Cangaceiros, supõem-se que o Cangaço teria nascido em 1830, homens usando indumentária parecida a dos vaqueiros, que lhes funcionava como armadura para a vida na caatinga, pois lá, as plantas que não são cobertas de dolorosos espinhos, possuem substâncias urticantes que provocam queimaduras insuportáveis.

Assim, vestidos de chapéu, gibão, perneira, peitoral, luvas e botas de couro, portando clavinotes, cartucheiras cruzadas, punhais com bainhas de couro de onça e de cobra, os matutos excluídos formavam bandos armados, e com o poder do terror, desfilavam pelo Sertão fazendo a sua própria lei.

Facínoras que estupravam, matavam, torturavam e roubavam; vez ou outra surgiam Cangaceiros com alguma noção de justiça, mas isso era raro.

A maioria dos bandos se formava em consequência de guerras entre famílias ou entre coronéis, e a formação de milícias armadas por estes coronéis às vezes saía ao controle dos mesmos e resultava numa explosão sangrenta e sem sentido... Sem sentido até onde?

Tudo mudou quando por motivo de guerra entre

a sua família e a de um coronel, bem como a perseguição da Polícia, ligada a este mesmo coronel, fez com que o jovem Virgulino Ferreira entrasse para o bando do Sinhô Pereira, iniciando-se no movimento do Cangaço.

Isso mudaria de vez os rumos do Cangaço, pois este jovem Cangaceiro botaria ordem e justiça num meio onde o descontrole era regra.

Virgulino ganhou a alcunha de Lampião quando de um combate com a Polícia, seus disparos eram tão rápidos que enquanto ele atirava, a luz dos disparos iluminava a trincheira tal qual um lampião.

Lampião não foi o primeiro nem seria o último Cangaceiro, antes dele houve o bando do Sinhô Pereira, o bando de Jesuíno Brilhante, o bando de Antônio Silvino, Bando de Miguel Carlos, (Tio de

do real Cangaceiro destemido e justo que ele foi.

Sua história de amor com Maria Bonita reflete a verdade de suas lidas, a Cangaceira Dadá, mulher de Corisco, o Diabo Loiro, uma das poucas pessoas do Cangaço a sobreviver para contar a história, disse já velhinha em várias entrevistas que não havia amor como o do Cangaço, que a vida era dura, mas que era doce e feliz quando a Polícia não os encontrava, o amor é o testemunho real da verdade no bando de Lampião, existia ordem, princípios e honra.

Sim, é verdade que ele não poupava Polícia, até porque os “macacos” como ele chamava, não poupariam ele; Lampião tinha sangue frio e era brutal, como todos os homens forjados na guerra, Lampião matava mulheres, sim, para ele inimigo não tinha se-



Foto: jornaldesergipe.com.br

Antônio Conselheiro) entre outros, mas o bando de Lampião ficaria gravado na História.

Em 1922 já liderava seu próprio bando correndo os sertões de Pernambuco, Ceará e Alagoas, tinha muito respeito e reverência a Padre Cícero, e sua noção de Justiça era clara; sempre foi considerado um vingador das injustiças por quem quer que tenha conhecido a ele e aos seus feitos.

Existem muitos trabalhos escritos sobre a vida e morte de Lampião, mas em minha opinião os dois que merecem real atenção e crédito são a obra: “Lampião na Bahia”, do célebre escritor e pesquisador Oleone Coelho Fontes, e a obra intitulada “De Virgulino a Lampião”, da neta do próprio Cangaceiro, Vera Lúcia Ferreira, as duas obras traçam um perfil de Lampião que a meu ver é o mais próximo

xo, cor, nem credo. Muitos absurdos foram criados com o nome do Cangaceiro, até porque, existiam muitos bandidos que se aproveitavam do respeito que este nome causava, e se apossavam desta alcunha para fazer mil atrocidades... E quem levava a fama?

Lampião jamais aceitou ou praticou o estupro, seus homens pagavam com a vida a esta atitude, ele inclusive ficava furioso quando lhe imputavam estas ações, e chegou a responder com carta ao Governo que isso não era atitude de homem, por isso nem ele nem os seus o praticavam, e sim as volantes (forças policiais).

Em 1917, Lampião já tinha em seu comando, mais de cem homens e, ataca, a cidade de Mossoró, este ataque seria o grande troféu do Cangaço. Anos de-

pois o movimento comunista da Coluna Prestes avançava Sertão adentro e o Governo preocupado com a invencibilidade de tal coluna, pede a Padre Cícero que reúna outro bando invencível para dar combate aos sulistas revolucionários, o bando de Lampião; esta parte da história é pouco conhecida, mas fantástica como todas as histórias do Sertão; Lampião aceitou o convite de visitá-lo em juazeiro do norte com seus homens em paz, foi, e foi tranqüilo, pois era o Apóstolo do Sertão quem o estava chamando, o Padre Cícero contou a Lampião que o governo estava oferecendo o perdão para seus crimes, dinheiro, armas, munição e a patente de Capitão do Exército para ele e outras patentes que poderiam ser dadas por ele aos seus homens; em troca Lampião e seu bando dariam combate à Coluna Prestes; Lampião reuniu o bando e ponderou que todas as ofertas do Governo eram boas, menos o tal perdão, pois isso era impossível, ele sabia que tinha conquistado inimigos ferrenhos e que jamais deixaria de ser caçado, por outro ângulo, ele jamais daria combate a um inimigo de seu maior inimigo, o Governo, ora! Ele tinha princípios! Estava decidido; foi ao Padre Cícero e o comunicou que aceitaria; alguns crêem que pela proximidade e boa relação entre Lampião e Padre Cícero o Cangaceiro tenha contado seu plano ao Apóstolo.

Claro que aconteceu o que todos esperavam, Lampião recebeu o dinheiro, armas, munição e a patente de Capitão, pegou tudo e caiu no mundo.

Em 1932 uniram-se os Governos dos Estados de Pernambuco, Bahia, Sergipe e Alagoas para lançar uma campanha contra o Cangaço, por conta disso as forças policiais estavam triplicando a dificuldade de movimentação do bando, forçando Lampião a desmembrar seu bando em três. Corisco, o diabo loiro, braço direito de Lampião já vinha a certo tempo discordando das táticas do Capitão, e depois disso rompeu de vez com ele e com o bando; Lampião deu-lhe a patente de Capitão e, assim, o Capitão Corisco passou a comandar seu próprio bando.

Mas todo reinado chega ao fim e assim foi com o Rei do Cangaço, em 1938, Lampião e seu bando são traídos e cercados em seu acampamento na Gruta do Angico em Sergipe, todos são mortos, acaba a vida de uma lenda.

Suas cabeças foram degoladas e expostas em praça pública, uma afronta à moral e à dignidade destes guerreiros que foram o inimigo mais audaz e respei-

tável das vergonhosas forças policiais nordestinas.

Porém, quando o Capitão Corisco soube da desgraça, chorou num lamento rápido e conclamando seus homens partiu para vingar o seu comandante, e assim Corisco vingou a morte do rei do Cangaço, matando um por um os matadores do bando e os traidores mesquinhos que entregaram Lampião às mãos inimigas; ponto para o Cangaço, pois Lampião e seu bando foram pegos dormindo, numa covarde traição, essa era a única forma que o Governo tinha para derrotar o herói do Sertão.

O bando do Capitão Corisco ainda permaneceu ativo e operante durante muitos anos, e só com sua morte é que o Governo declarou o fim do Cangaço.

Depois de examinar as informações disponíveis, o que poderia dizer sobre o Cangaço?...

Creio que a única forma de classificar o advento do Cangaço, em minha opinião, é dizer que o Cangaço foi, é, e sempre será o maior exemplo de reação popular já experimentado pelo povo brasileiro. ♦



As cabeças expostas como troféus nos degraus da escadaria do Palácio Dom Pedro II, atual sede da prefeitura de Piranhas, AL.

Luar
Méndez



Poeta, escritor, mestre em cultura oral, comendador, imortal pela Confraria Brasileira de Cultura e membro de algumas academias e confrarias de ciências, letras e artes.

◆ Crônica

Escrever? Para quê? Para quem?

Por Natália Tamara

As palavras se perdem neste mundo de impostores afetivos, os guardiões do amor estão feridos gravemente, a esperança de tempos melhores, de sorrisos verdadeiros é igual uma mínima gota de orvalho que se perde em denso nevoeiro. O mundo não está mais azul, ele definha dia após noite, cada vez mais cinza. Somos reféns do capitalismo, do terrorismo maquievélico que manipula nossas ações, o mundo virou uma roleta russa, um leilão implacável do quem dá mais...

Escrever? Para quê? Para quem? Se as modinhas da TV são mais interessantes, os bares estão cheios, mas não como antes, hoje eles vendem garrafas cheias para mentes vazias, as baladinhas vulgares das madrugadas estão abarrotadas de indivíduos perdidos, carentes, implorado por um beijo, ou apostando quem beija mais! Caro Leo Buscaglia sua teoria sobre compreender melhor a vida e o amor é interessante, porém a prática da mesma jamais consegui, visualizar, nem mesmo pelos seus seguidores e fiéis leitores.

Escrever? Para quê? Para quem? Eu tenho sede, é uma sede insaciável... Pensamentos argumentadores germinam a todo instante, neste meu cérebro inquieto. Caro Goethe, sinto em constante alarde em minhas veias todas as dores

do Jovem Werther; toda exaltação romântica que me foi ofertada pelos deuses, não tem valor neste novo mundo o qual vivemos. O que herdei de Eros talvez não tenha tanta valia; ou seja, tratado hoje como um simples assunto de lógica, um negócio racional para sobreviver. Jamais fui a mesma, depois que cruzei com Medusa e o Basilisco.

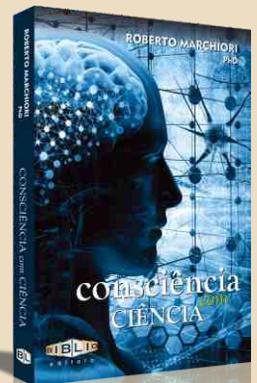
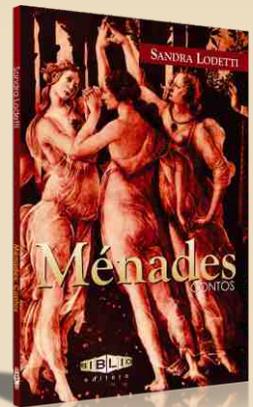
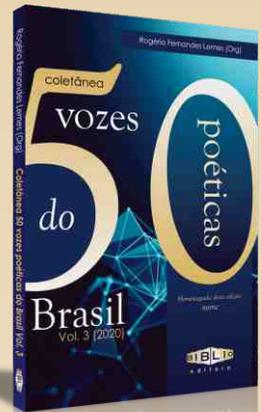
Escrever? Para quê? Para quem? A família se perdeu em um labirinto imensurável, eles fraternais mantêm acesa uma pequena chama neste espírito debilitado. Porém devo confessar que pertencço à classe dos Centauros e estou em alerta total; o acampamento meio sangue está em perigo e já não posso afirmar que iremos vencer. São tempos difíceis, já não se consegue apreciar o vôo do tordo no céu anil, estou enfraquecendo a cada segundo, devo pegar o Expresso para Hogwarts e lá encontrar uma porção suicida, talvez seja necessário sair de cena antes do fim. Escrever? Para quê? Para quem...? ◆

Natália
Tamara



Natália Tamara Cerqueira da Silva, nascida aos 20 de dezembro em Saúde -BA, Amante das artes, apaixonada por Literatura devota da Poesia. Técnica em Segurança do Trabalho (FIESC SENAI), Graduada em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas (UNEB), Coordenadora de Cultura do Município de Saúde-BA, Diretora do Grupo de Teatro Cultura em Movimento. Participante da Antologia Natal com Poesia 2019, pela Biblio Editora. Participante da Antologia Nacional O Amor Bate na Aorta 2020, pela Editora Versejar. Participante da Antologia: Coletânea 50 Vozes do Brasil V. 02- Biblio Editora.

Nossos próximos
lançamentos!



Você já esteve na Guerra?

Por Michelle da Graça Nunes

Existem palavras que podem causar verdadeiros calafrios quando as ouvimos. “Guerra” é uma delas. Ao ouvi-la, a primeira imagem que vem a nossa mente é um cenário de desolação, tristeza, terror e agonia profunda. Sociedades inteiras entram em colapso e, quando se busca a origem do conflito, poucos são os que conseguem decifrá-lo.

Essas são o que podemos chamar de guerras físicas. Aquelas que entram para os livros de História e nos ajudaram a conhecer e reconhecer as diversas culturas que compõem as nações. Agora eu te pergunto: Você já esteve na guerra? Conseguiu aprender alguma lição com ela?

Pare um pouco e reflita. Apesar do cenário caótico, é possível, sim extrairmos lições valiosíssimas para o nosso presente. Vejamos.

Nessas guerras físicas, podemos observar governantes que se acham superiores e permitem que o ego fale mais alto, gerando um conflito que não há nada que justifique o resultado escolhido por eles. E assim, invadem territórios com armas poderosas e devastadoras, destroçando vidas, famílias, lares, esperanças, sonhos, cidades, territórios e a dignidade humana.

Dignidade que é extorquida dos pais que amam seus filhos, esposas e famílias. Dos trabalhadores que honram seus trabalhos, que pagam seus impostos, que labutam diariamente para colocarem à mesa o pão de cada dia. Das mães que abdicam de seus planos pessoais em função da família. Dignidade! Que é roubada de toda uma nação em fração de segundos para alimentar o ego de seus governantes que se utilizam de falsas desculpas como honra, economia, território, e usam até o nome de Deus...

O preço da guerra é a destruição. Destruição da natureza, das cidades e das vidas. Destruição dos sonhos. É lamentável presenciar aquele panorama de atrocidades, tristeza, crueldades, mortes, destruição, calamidades.

Mas as guerras não são só físicas. Elas também acontecem em nosso interior. Refiro-me à guerra das emoções, dos sentimentos. Eu já estive lá. Vivi uma guerra comigo mesma, com minha família, minha escola, meu trabalho, meus amigos, meu gover-

no, minha nação, e porque não dizer, até com Deus.

Já vivi nesse cenário de destruição, de incertezas e inseguranças, de revolta, mágoa, de lamentações, de morte, perdas, de desejo de vingança contra a sociedade, de frustrações, de mutilação física e mental.

Eu estive na guerra e ela começou em mim mesma quando não soube lidar com o turbilhão de emoções, com as decepções, as perdas, as imposições, as frustrações, as negativas, os medos, a fragilidade, a morte. Eu também deixei que meu ego gritasse seu falso poder e entrei na batalha pronta para qualquer combate, para vencer ou morrer.

E assim, guerreei por muitos anos. E não morri uma única vez. Morri diversas vezes. Até o dia em que me dei conta de que quando renascia parecia ter mais forças. No entanto, em alguns momentos, essa força era inútil. As batalhas tornaram-se, cada dia, mais sangrentas e violentas, e o meu ego queria se alimentar mais com a guerra.

Não sei precisar como e nem quando aconteceu. Sei que num dia, como outro qualquer, me dei conta de que de nada adiantava fugir, guerrear, matar ou morrer. Eu precisava alimentar o meu ego com coisas boas. Assim, passei a ver o lado bom da guerra, que até então não via. O lado que nem sempre é mostrado nos filmes, nos documentários, nos jornais.

A guerra também tem seus ensinamentos, tem seu lado positivo. E foi em meio a um cenário de destruição e morte que eu percebi quem era a responsável por todo o caos que estava vivendo e pelas batalhas que vinha travando.

Percebi que EU tenho o poder de controlar meus pensamentos, palavras e ações e de governar minha vida. Que EU era a capitã que comandava a tão devastadora guerra em meu interior.

A partir de então, decidi disseminar a paz, o amor, a gratidão. Passei a ver beleza onde antes só visualizava lama, sujeira, lodo. Enxerguei amor onde antes só via ódio. Escutei os perfeitos acordes da natureza onde antes só ouvia bombardeios e o som das rajadas e dos canhões. Senti a paz pulsando em cada célula do meu corpo ao invés do abismo de dor e sofrimento de antes. Percebi que não preciso mais con-

tar falsas verdades para alimentar meu ego.

Por isso, te convido a sair da guerra e viver a paz. Mesmo que te pareça difícil. Eu não disse que foi fácil. Mas eu venci. E, muito embora não exista um manual, uma receita de bolo que te leve a alcançar a tão sonhada paz interior, a sair desse quadro de conflito interno, algumas ferramentas podem ser úteis. Você pode buscar o autoconhecimento, terapias alternativas, técnicas de respiração, meditação. Isso pode te levar a encontrar o SEU caminho, a sua própria fórmula para estar em paz consigo e com o mundo.

Convido-te a crer na paz, a amar, a agradecer pelas infinitas bênçãos em sua vida. Você tem armas poderosas para viver a paz, não a guerra. Utilize os recursos que são seus para viver a paz, expandindo-a para todos os aspectos de sua vida.

Viva a paz. Seja a paz. Lembre-se: a paz começa dentro de você. ♦



*Michelle da
Graça Nunes*

Escritora, Jornalista, Palestrante Motivacional, Assistente Social. Autora do livro "Renascer: reconstruindo o seu eu". Master Practitioner em PNL, Hipnoterapeuta e Terapeuta Renascedora.

Uma interpretação múltipla

Por Padre Joacir d'Abadia

Um texto fala para cada época. O mesmo é compreendido de forma muitíssimo diversa por diferentes intérpretes, ou seja, leitores. O verdadeiro texto é aquele que está no intelecto do autor e não na interpretação daquele o qual, analisa-o. Quem o interpreta quer saber o que está na mente do autor ou quer compreender o que está escrito? Isto dá uma fusão de horizontes; quem é o autor e o que se quer compreender do texto. Deste passa a ser uma coisa e isto faz com que ele seja entregue às interpretações ao longo da história. Nesta, o texto continua sendo ele mesmo, contudo, a interpretação dele torna-se

diversa.

A fusão de interpretação – entre o que o autor escreveu e o que o leitor pretende captar do texto – é necessária para fazer uma interpretação sólida da própria obra. O escrito, então, fala por si e pelo leitor. Fala mais ainda por si mesmo. Dizia o Filósofo francês Emmanuel Lévinas (1906-1995) que o dito não se esvai no dizer. O sujeito não escreve só para si, mas para a compreensão de quem vai analisar o que foi proposto.

O autor de uma obra não é a obra. O autor produz o objeto depois que este já esteja no seu intelecto. Primeiramente, a obra está na mente do autor, na sequência é posto na realidade, de forma escrita. É, pois, a formulação do texto.

Na formulação de um escrito se capta duas realidades: uma obra da mente do autor e a mesma transposto da mente do autor para o texto escrito.

Em síntese, o texto não está preso ao autor. Depois de escrito, formulado, ele tem vida plena na história. Desta forma, ao analisar um escrito, o seu contexto deve ser levado em conta. Com efeito, é sempre um choque quando a obra fala algo diferente daquela o qual o leitor captou. Isto, porém, não implica um esquecimento daquilo que o escrito diz. Assim, o texto é escrito pelo seu autor. A interpretação deste texto é do intérprete; é daquele que vai deter o escrito ao compreender o que o mesmo escrito descreve. Porque nenhuma obra fica presa àquele que a escreveu. ♦

*Padre Joacir
d'Abadia*



Especialista em Docência do Ensino Superior e filósofo autor de 12 livros. Participou da Antologia Natal com Poesia, publicada em 2019, pela Biblio Editora. É o idealizador do grupo Filofofando com o Padre Joacir.

*Terminei de escrever meu livro.
E agora?*

Deixe que a Biblio Editora cuide de tudo para você. Registro do ISBN, Ficha Catalográfica, Editoração eletrônica, impressão com alta qualidade e entrega em qualquer lugar do Brasil! Faça seu orçamento sem compromisso, através do e-mail: biblioeditora@gmail.com

(67) 99939-4746

BIBLIO
editora

“Levar o lixo na calçada”

Por Claudia Assis

É terça-feira.

Coloquei o lixo em um saco plástico preto amareli bem e o levei até a lixeira na calçada.

Era uma terça-feira diferente. Ninguém poderia sair de casa.

Todos de quarentena, cumprindo uma ordem para ficarmos isolados socialmente.

Quando cheguei na calçada eu vi que o lixeiro não havia recolhido o lixo de itens recicláveis de ontem. Algo aconteceu. O dia seguinte era o dia de recolher o lixo orgânico e imaginem só! Em uma rua aglomerou o dobro de sacos plásticos pretos e outros coloridos.

As pessoas depositaram seus lixos para serem levados nem sei pra onde. E constatei que todos estão com o mesmo sentimento ao menos aqueles que se preparam para uma evolução, ou estão evoluindo sem se dar conta deste fato, ou nem querem evoluir, porém estão jogando seus lixos para fora. Alguém vai recolher. Que susto. Um vírus rondando o planeta e fazendo cada ser humano pensar em si, cada ser humano na sua pequenez expurgando o que não está legal dentro de si.

Nesta terça-feira, no dia seguinte e depois vamos continuar observando e nos resguardando em casa. Tirando o pó, recolhendo o lixo interno e jogando fora.

Vibrando para termos um mundo melhor. Vibrando para termos mais paz.

Vibrando para termos humanidade correta, coe-

rente e de alto valor.

Cada um sabe de si. Cada um sabe o que colocou em seu lixo. O planeta faz o mesmo. Hoje ele recolheu o lixo energético lançado pelas pessoas na natureza nas emoções indevidas na esfera. Eu vi com meus olhos, pois o céu está lindo e o sol tratou de energizar cada canto do planeta.

A cada dia que passa o céu está mais claro e é uma benção sentirmos essa novidade. Nunca imaginaria presenciar um isolamento global. Mas aqui estamos para repensar nossas vidas. Que haja paz. Porque de orgulho, egoísmo e não-aceitação, já estamos fartos! Chegou a hora de dar sentido ao sentimento mais nobre: a gratidão. Fique em silêncio e observe porque você estaria grato “hoje”. E permita-se estar repleto de amor para sempre. E assim é. ♦

Claudia
Assis



Escritora, idealizadora do projeto “Autoestima em Alta Frequência” e autora do livro “Aprendizados”. Estuda o autocohecimento e treina pessoas para realizarem mudanças na vida. Sua paixão é ajudar pessoas a se transformarem. Natural de Santo André na região do ABC paulista, atuou na área da Educação Bilingue, Relações Públicas e Marketing. Graduada em Comunicação Social, Licenciatura em Letras, Coach Leader pela SLAC.

A Poesia Imprevista de Três Poetas Aldravistas

Por Sylvia Cesco

As aldravias, poesias minimalistas de apenas seis versos (um em cada página) foram criadas em Mariana, MG, por estudiosos de Literatura, Semiótica, Crítica Literária, Jornalismo. Para eles, a poesia não deve ser uma “via de mão única ou uma imposição do sujeito-autor”; defendem “uma nova forma, mas não uma ‘fôrma’, como a trova, o haicai, o soneto”. A leitura do livro “Aldravismo – Reinvenção da Arte pelo Jornalismo Cultural”, (MG, 2018), de J. B. Donadon-Leal, e de “Aldravismo: Movimento Mineiro do Século XXI”, de Andreia Donadon Leal, (MG, 2014), me alumiou e iluminou. Mais: ensolarou, enlueceu, enriachou minha alma. Poeticamente, endoideci: finalmente uma poesia que provocava! Que libertava e acolhia o meu entendimento, dando-me uma co-autoria! Pois é isso que a aldravia faz: seu leitor “é aquele que busca algo que só ele viu”. Essa liberdade é dada pela metonímia, sempre presente nas aldravias. “A Arte aldravista é metonímica, pois não tem a pretensão de mostrar uma totalidade; contenta-se em apresentar um indício, uma metonímia. Não é presa a uma forma; molda-se à forma que melhor seja a expressão de um indício” (Donadon-Leal). Já registramos, então, dois critérios da poesia aldravista: ser livre e ser metonímica. O terceiro é ter poeticidade, que não significa ter rima, embora ela não seja “proibida”. Tem que ter apenas “seis versos univoculares, com sintaxe paratática, o que significa que todo poeta aldravista precisa se basear no conceito poundiano de o máximo de Poesia, num mínimo de palavras”. Nas aldravias todos os versos se iniciam com minúsculas; as maiúsculas são opcionais nos nomes próprios. A divisão em palavras-versos já implica pausa e por isso não é recomendada a utilização de pontuação, já que esta limita possíveis interpretações relativas à livre escolha de interpretação. Mas, exclamações, interrogações e dois pontos podem ser utilizados se a sintaxe aldravica, por si só, não denunciar a sua proposição. O nome “aldravia” foi originado da palavra aldrava ou

aldraba – um tipo de trava muito usado nas portas das casas antigas, que servia para bater e chamar os moradores. Na poesia ela é usada com seu sentido semiótico, para assumir uma função distinta: a de “bater, bater, bater até que alguém venha abrir a porta do sentido que se deseja”. E quando abrimos nossas portas para as aldravias, somos, de imediato, libertos das “prepotentes metáforas que trazem consigo arroubos de substituições totalitárias” (...) generalizadoras, portanto, perigosas” e somos apresentados à elegância respeitosa das metonímias que apenas nos sugerem percepções, em que “autor e leitor percebem porções daquilo que é possível, segundo seu critério de julgamento”. Compreendida essa nova forma de poetizar, busquei por poetas de Mato Grosso do Sul que estivessem, como eu, dispostos a se encantarem com o “logos de um luminoso universo”. E foi então que conheci o gracioso livro: “Em terra de Manoel... do barro, voam aldravias”, de Flávia Rohdt. Também soube que alguns dos nossos poetas – Janet Zimmermann, Paulo Robson de Souza, Ileides Muller, Iolete Moreira, Benedito Carlos Lima, Marlin Balbuena, Rogério Fernandes Lemes, Sagamor Farias, Nena Sarti – já davam seus passos pelas vias das aldravias... Uns ainda estão muito afoitos e deixam de lado a poeticidade e a metonímia. Outros, cautelosos, aguardam ser possuídos pelos “megalalumens” de Andreia Donadon Leal – professora mineira e uma das criadoras da arte aldravista – antes de se embrenharem nessa via encantada e tendo a certeza de que, mais à frente, “à/sombra/descansa/o/sol/suado” (Francisco Nunes, SP). Confesso que eu já andei praticando minhas afoitezas. E os outros dois poetas que participaram do livro “três poetas uma via: aldravia”, Paulo Robson de Souza e Janet Zimmermann, certamente que sim. Reconhecida tal fragilidade, decidimos estudar, nós três juntos, a arte aldravica. Sim, porque para escrever aldravias é necessário dedicação e acolhimento às palavras de Andréia Donadon

Leal: “muitos poetas, afoitos, acabam publicando um amontoado de palavras soltas/empilhadas, uma repetição de ditados populares ou de expressões conhecidas e surradas”.

Assim, durante algumas tardes de sábado ensolarado, nos reunimos para estudar esse gênero poético genuinamente brasileiro, com almas abertas às críticas e sugestões de um e de outro. O resultado é o livro: “três poetas uma via: aldravia” (O título é assim mesmo: escrito tudo com letra minúscula e sem vírgula. É uma das regras da poesia aldravista). Foi lançado no dia 11 de março passado, no Recanto do Canto e da Poesia, numa agradabilíssima noite, quando essa tal Covid-19 ainda não tinha colocado suas manguinhas de fora. Tive a honra de parceriar o livro com dois dos nossos renomados poetas: Janet Zimmermann e Paulo Robson de Souza. Janet Zimmermann é gaúcha de Catuípe. Vive em Campo Grande desde 1980. Seus poemas são de uma sensibilidade ímpar. Janet dirige o blog “Polyantho” e escreve para a Revista Literária “Pixé”. Publicou “Asas de JIZ”, (Life Editora) e “Pétalas Secretas” (Editora Patuá), livro que lhe garantiu o 1º lugar no Prêmio Guavira de Literatura de Poesia, em 2017. Já publicou seus poemas em inúmeras Antologias estaduais e nacionais. Dizem que o seu estilo é “simbolista-modernista”, porém ela afirma que é “apenas uma poetisa sertaneja com asas futuristas”. Mas aválio, cá pra mim, que seu estilo poético é, na realidade, “zimmermianno”: sensorial, sim, mas acima de tudo transcendental, misterioso e misticamente espiritual, o que a torna uma poeta cuja infinitude de seus versos são um celeiro vivo de reflexões. Janet é autora de centenas de aldravias com lindas imagens e intrigantes metonímias, como estas: “lua:/auréola/dos/santos/de/ rua”. O poeta e músico Paulo Robson de Souza é baiano, de Vitória da Conquista; reside em Mato Grosso do Sul desde 1987. É formado em Biologia, mestre em Agronomia, e doutor em Ecologia. É professor e pesquisador na UFMS. É exímio poeta e músico. Publicou “Poesia (IN)vertebral”, em parceria com Sidnei Olívio (Julien Desing, 2019); “Animais Mais Mais”, com CD de músicas encartado; (Sterna Edições, 2011); “Síntese de Poesia” (Editora UFMS, 2006); “A Casa do Animais” (Oak, 2000). Sua formação científica e artística resultou na criação de um estilo inédito de aldravias, registradas numa seção do livro, sobre o qual discorreremos, com o sugestivo no-

me de: “Biodravia e outras ousadas”, todas de pura beleza como esta:

milípedes/centopéias/corais-de-fogo: superlativos/por/natureza”. Ou então: “gosto/de/infância/reverdecido/na/senescência”.

Sylvia
Cesco



Nasceu em Campo Grande/MS. É ativista cultural. Tem formação em Letras, com especialização em Língua e Literatura Portuguesa. Autora e diretora de peças de teatro, letrista de músicas, roteirista- auxiliar do filme sobre Glauce Rocha, “Nasce uma Estrela”, premiada em concursos de poesia. Publicou livros de contos, literatura infanto-juvenil e de poemas. Classificada em concursos de poesias, participou de várias Antologias. É cronista nos Jornais: “Correio do Estado e “O Estado de MS”. Membro da União Brasileira de Escritores-UBE/MS.

Oportunidade para Publicação

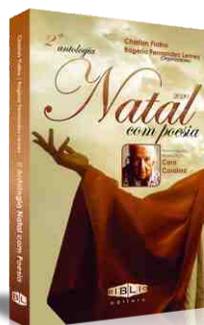


IV Antologia de Escritores Santanenses & Convidados

Deseja publicar sua obra literária?
Solicite o regulamento e a ficha de inscrição
através do e-mail:
antologiasantana@outlook.com

Mais informações:

Lícia Maciel (82) 9 9621-1102
[@antologiasantana](https://www.instagram.com/antologiasantana)



Antologia Natal com Poesia Vol. 2

Lançamento dia 20/12/2020
Envie seu poema para o e-mail:
antologiasbiblio@gmail.com

Mais informações: (67) 99939-4746



Por Júlio César da Rosa

As organizações de africanos e seus descendentes durante a escravidão e o pós-Abolição

As irmandades leigas, segundo bibliografia especializada, são “originárias das antigas corporações de ofício medievais, sejam na metrópole, África ou Brasil, as Irmandades e Ordens Terceiras disseminaram-se pelos vastos territórios do Império Português” (SIMÃO, 2008, p. 24). Segundo esta mesma tradição historiográfica, a primeira dessas confrarias, denominada Irmandade do Rosário surgiu no Brasil em Recife, no ano de 1552 e, no intervalo de seis anos, aparecia sua coirmã em Olinda. Será “entre os anos de 1750 e 1850, em que estas associações religiosas viveram seu grande apogeu; encontramos distribuídas pelo país, mais de uma centena de irmandades de cativos, forros e livres, fossem eles negros, mulatos ou pardos” (MULLER, 2013, p. 27).

Estas são umas das formas de organização coletiva das populações de origem africana e de seus descendentes. Os seus objetivos eram proporcionar auxílio para seus associados como a compra de alforria; proporcionar um funeral para uma boa morte; ajuda em momentos de enfermidade, bem como ser inserido na cultura letrada; e, festejar a vida, em suas elaboradas manifestações externas da fé.

Não só essas irmandades, mas os terreiros também se constituíram como forma de resistência à cristianização imposta pelos portugueses, pois, tanto as irmandades como os terreiros tiveram um papel importante na transmissão, preservação e ressignificação da cultura africana e na luta pela liberdade e dignidade através da religião como elemento de resistência. A catolização para o africano escravo era uma forma de não ser mais visto como um animal, um ser “pagão” e sem alma. A estratégia de cultuar

os santos da religião católica foi uma forma camuflada de cultuar os seus deuses e crenças e preservar suas tradições.

Estes são aspectos da história de africanos e seus descendentes que foram esquecidos por muito tempo, e quando foram analisados pela historiografia foram entendidos como expressões culturais de menor valor e, portanto, não mereciam ser estudadas. Por muito tempo homens e mulheres de origem africana, foram invisibilizados por uma dada bibliografia, que muito registrou sobre a escravidão no Brasil, e com o fim deste período, os mesmos foram apagados da História, haja vista que as elites nacionais, e boa parte dos intelectuais que a compunham, estavam preocupados em dar o crédito de desenvolvimento ao país, a partir da entrada dos imigrantes europeus no Brasil.

Principalmente Estados que receberam um grande fluxo migratório como São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Nestas regiões as expressões culturais, os territórios negros, ou seja, a influência africana na formação dessas regiões houve a tentativa de silenciar de diversas formas, a presença física dessas pessoas, e sua contribuição para a formação cultural, econômica e política do Brasil. Dito isto, não é novidade que a população de origem africana, se organizou de diversas maneiras para sobreviver à escravidão, ao racismo, ao preconceito e à exclusão social.

Não cabe aqui destacar todas, mas gostaria de evidenciar duas dessas formas organizativas, que surgiram do século XIX, e sobreviveram ao século XX, e ainda resistem no século XXI, como símbolos de re-

sistência ao racismo estrutural e institucional que marca a sociedade brasileira. De maneira bem resumida destacamos as Irmandades Negras, templos para expressão da fé, de africanos livres, libertos e em cativeiro, porque os mesmos eram impedidos de frequentar a igreja dos “brancos”.

Com o fim da escravidão e a assinatura de Lei Aurea, em 13 de maio de 1888, e o advento da República em 15 de novembro de 1889, os novos tempos marcavam que todos eram iguais perante Lei.

Infelizmente, entre a Constituição de 1889 afirmar que todos eram iguais perante lei, era de suma importância, mas havia uma distância abissal entre o que o documento afirmava e a materialização dos seus dispositivos constitucionais. Não bastava somente esta afirmativa, era preciso política pública que incluísse a grande massa de ex-cativos e seus descendentes a ter acesso a bens materiais e culturais. E a nascente República ao invés de incluir, excluiu, primeiramente ao incentivar uma grande leva de imigrantes europeus possibilitando o acesso a tudo que era negado para estes homens e mulheres de origem africana, como trabalho, educação, moradia, ou seja, a dignidade e a tão sonhada cidadania.

Como diz a música da banda brasileira Titãs, “a gente não quer só comida; a gente quer comida, diversão e arte; a gente não quer só comida, a gente quer saída, para qualquer parte”. E após quase 400 anos em regime de escravidão, estes novos cidadãos passarão a exercer os seus direitos, inclusive de poder ser reunir em seus espaços próprios, além das irmandades que sobreviveram aos ataques das reformas higienistas e urbanas, agora com o advento da República, uma nova forma de resistência, sociabilidade e ascensão social surge entre as populações de origem africana, o que a historiografia e as ciências sociais chamam de Clubes Negros. Estes serão os novos espaços africanos da diáspora; darão continuidade ou iniciarão novos projetos individuais e coletivos.

Surgiram no período pós-emancipação, clubes ou sociedades recreativas e beneficentes construídas pelos afro-brasileiros. Estas sociedades recreativas e beneficentes surgem em alguns Estados como Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Rio de Janeiro; umas construídas no ano em que se encerra a escravidão como a Sociedade Recreativa 13 de Maio, no Paraná; Sociedade Recreativa União Operária, em Laguna no ano de 1903;

ma 1934; e outras nas décadas de 1950 como o 1º de Maio do município de Tubarão, também em Santa Catarina e, ainda, neste mesmo ano, o Clube Renascença, na cidade do Rio de Janeiro, RJ.

A construção desses clubes ou sociedades também pode ser vista como forma de resistir à exclusão dos espaços de outros grupos sociais. Em Santa Catarina, os afro-brasileiros também tiveram estas experiências com, por exemplo, Clubes Sociais ou Sociedades Recreativas em Florianópolis, Criciúma, Lages, Laguna, Itajaí, Tijucas, entre outras cidades do Estado; algumas ainda em atividades e outras que não existem mais. A construção desses espaços não só revela que o Brasil é um país racista, mas, sim, evidencia que mesmo sendo excluídas de diversas formas na sociedade brasileira, as populações de origem africana sempre resistiram a todas as formas de exclusão.

A luta por igualdade sempre existiu e ainda persiste; elas iniciaram por ações individuais, revoluções coletivas, insurreições, jornais de cunho político ideológico, como O Alvorada de Pelotas e O Exemplo em Porto Alegre, ambos, jornais de imprensa negra no Estado do Rio Grande do Sul. A própria construção desses espaços de lazer, a valorização e preservação da Cultura Africana com suas ressignificações, como o sincretismo afro-católico, até chegarmos aos Movimentos Negros atuais são expressões da resistência africana e afro-brasileira, que não se deu somente por meio da força, ainda que, muita fosse necessária, para própria defesa e sobrevivência.

Neste sentido entender-se-á que a resistência pode se dar de diversas formas e em vários níveis, e a luta dos afro-brasileiros, há anos, é travada no âmbito político, cultural e social em busca de direitos iguais e cidadania, respeito e dignidade. ♦

*Júlio César
da Rosa*



Doutorando em História na Universidade do Vale do Rio dos Sinos- (UNISINOS/RS). Mestre em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC (2011). Possui graduação em Bacharelado e Licenciatura em História pela Universidade do Extremo Sul Catarinense-UNESC (2006). Professor titular na rede estadual de Santa Catarina e municipal de Criciúma.

*Amar e mudar
as coisas, me
interessa mais!*

Belchior

Por Rogério Fernandes Lemes

Nascimento: 26 de outubro de 1946 em Sobral, Ceará | Falecimento: 30 de abril de 2017 em Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul

Três anos sem Antonio Carlos Belchior, o nosso eterno Belchior. Um dos maiores cantores e compositores brasileiros. Músico, Produtor, Artista Plástico e Professor. No dia 30 de abril de 2017 o Brasil se despedia do rapaz latino-americano, sem um centavo no bolso, mas que tinha um interesse muito peculiar: amar e mudar as coisas. Aos 70 anos Bel, como é chamado por uma legião de seguidores, faleceu na cidade gaúcha de Santa Cruz do Sul, onde viveu seus últimos anos de vida. Certamente Belchior será cantado por muitas e muitas gerações. Para os fãs, assim como eu, preparamos uma *playlist* com seus 14 maiores sucessos. Para facilitar a localização nos discos, bem como o ano em que foram lançados organizamos da seguinte forma:

1. Hora do Almoço (9) Belchior 1974: o número 9, entre parênteses, representa a o número da faixa no disco; o Belchior 1974 significa o nome do disco e o ano do lançamento e, assim, nas demais músicas.

PLAYLIST BELCHIOR THE BEST

1. Hora do Almoço (9) Belchior 1974;
2. Apenas um rapaz Latino-Americano (1) Alucinação 1976;
3. Velha Roupa Colorida (2) Alucinação 1976;
4. Como Nossos Pais (3) Alucinação 1976;
5. Sujeito de Sorte (4) Alucinação 1976;
6. Alucinação (6) Alucinação 1976;
7. À Palo seco (8) Alucinação 1976;
8. Fotografia 3x4 (9) Alucinação 1976;
9. Coração Selvagem (1) Coração Selvagem 1977;
10. Pequeno Mapa do Tempo (5) Coração Selvagem 1977;
11. Divina Comédia Humana (1) Todos os Sentidos 1978;
12. Medo de Avião (1) Era uma Vez um Homem e Seu Tempo 1979;
13. Conheço meu Lugar (6) Era uma Vez um Homem e Seu Tempo 1979; e
14. Mucuripe (10) Objeto Direto 1980.



Braços vazios

Mariany Goncho

Na tarde morna de dezembro,
debaixo do guarda-sol,
na beirinha do mar, eu me lembro,
teus braços me enlaçavam,
em tua maneira calada de amar...
Sentia-me, assim, protegida
por completo e ali mantida,
nada ou ninguém no mundo
me perturbava, nem por um segundo!
Gaiotas brancas, contraste belo
com o azul do mar e o sol, tão amarelo,
areia branca e quente
trazia toda a certeza
de nosso amor, tão ardente!
Eu também te abraçava,
te beijava de leve e corria
para aquelas águas tão calmas
e te chamando, sorria!...

Ah! Quando me vejo agora
na beira do mesmo mar,
as lembranças me escorrem dos olhos,
conjugando o verbo amar...
E olhando para o horizonte,
de uma cor estonteante,
percebo, ao cruzar meus braços,
sentindo-os assim tão frios,
que eles já não são laços!
Meus braços estão vazios!...

(Poesia premiada e publicada no concurso da Editora Becalete, Poesia Premiada 2 Anthologie Poétique, segundo lugar, em nível nacional)

Paulista de nascimento, catarinense de coração. **Mariany Goncho** é formada em Letras e Literatura. Membro da AJEBSC. Canta muito em eventos. Voltou a escrever há pouco tempo. Sofre de Parkinson, mas isso não a atrapalha em nada! Viúva, tem uma família linda, que a incentiva sempre!



Quimera

Jeane Tertuliano

Abruptamente,
o afeto chegou.
Ele veio em minha direção
e inundou o meu coração
de esperança e rima.
Banhei-me no mar de flores
que jorrava do futuro sem dores
prometido ao meu Eu-menina.
Rendi-me facilmente a ti,
Mon Amour.
Lembro-me de haver sussurrado
de mim para mim mesma:
— é ele quem irá privar-me da vil tristeza.
Submeti-me ao teu bel-prazer,
Meu Desejo,
crendo piamente na quimera
que tu plantaste em meu âmago
ao encher-me de beijos.
Tu foste meu quando me tomaste tua?
Destroce-me com a pungente verdade!
...
A lua acalenta a minha pele
que, branca de desamor,
revive tolamente os vestígios de um amor
que sequer chegara a nascer.

(Poema destaque no 31º Concurso Internacional de Poesias, Contos e Crônicas)

Jeane Tertuliano é feminista, roqueira, poetisa e acadêmica de Letras pela Universidade Estadual de Alagoas. É membro correspondente da Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências "A Palavra do Século 21" – ALPAS 21 e amante da literatura gótica com diversos contos e poemas publicados em antologias por várias editoras. Em novembro de 2019, seu poema intitulado "Quimera" foi destaque no 31º Concurso Internacional de Poesias, Contos e Crônicas.

Neruda e o gato



Marcus Fabiano Gonçalves
Poeta e Professora da UFF

foto de @laia

ODE AO GATO

Os animais foram imperfeitos, largos de rabo, tristes de cabeça. Pouco a pouco se foram compondo, fazendo-se paisagem, adquirindo pintas, graça, voo. O gato, só o gato surgiu completo e orgulhoso: nasceu completamente terminado, caminha sozinho e sabe o que quer.

O homem quer ser peixe e pássaro, a serpente gostaria de ter asas, o cachorro é um leão desorientado, o engenheiro quer ser poeta, a mosca estuda para andorinha, o poeta trata de imitar a mosca, mas o gato quer ser apenas gato e todo gato é gato do bigode ao rabo, do presságio à ratazana viva da noite até seus olhos de ouro.

Não há unidade como ele, não tem a lua nem a flor tal textura: é uma só coisa como o sol ou o topázio, e a elástica linha em seu contorno firme e sutil é como a linha da proa de uma nau. Seus olhos amarelos deixaram só uma fenda para jogar as moedas da noite.

Ó pequeno imperador sem orbe, conquistador sem pátria, mínimo tigre de salão, nupcial sultão do céu das telhas eróticas, o vento do amor na intempérie reclama quando passas e pousas quatro pés delicados no chão, cheirando, desconfiando de todo o terrestre, porque tudo é imundo

para o imaculado pé do gato. Ó fera independente da casa, arrogante vestígio da noite, preguiçoso, ginástico e alheio, profundíssimo gato, polícia secreta dos quartos, insígnia de um sumido veludo, seguramente não há enigma na tua maneira, talvez não sejas mistério, o mundo todo te sabe e pertences ao habitante menos misterioso, talvez todos o creiam, todos se acreditam donos, proprietários, tios de gatos, companheiros, colegas, discípulos ou amigos do seu gato.

Eu não. Eu não subscrevo. Eu não conheço o gato. Tudo sei, a vida e seu arquipélago, o mar e a cidade incalculável, a botânica, o gineceu com seus extravios, o vezes e o menos da matemática, os funis vulcânicos do mundo, a casca irreal do crocodilo, a bondade ignorada do bombeiro, o atavismo azul do sacerdote, mas não posso decifrar um gato. Minha razão resvalou na sua indiferença, seus olhos têm números de ouro.

Gaúcho e mora no Rio de Janeiro; professor de Hermenêutica e Filosofia do Direito na UFF. Poeta e pesquisador da área de Antropologia Jurídica, em 2019 publicou Bruno Palma, escolhedor de palavras – ensaio sobre a arte e o ofício de um tradutor (ECA-USP).

As Carolinas!

São como flores;
 basta olhares com atenção e verás.
 Gentis são as carolinas,
 sorridentes ou tristes;
 repare, cuidadosamente, em seus olhos!
 Castanhos ou pretos,
 verdes ou azuis.
 Não importa.
 Neles há mistérios!
 Em suas palavras encontras conforto;
 suas alegrias emanam luz e
 paz por onde passam.
 Ah! Assim, são todas elas as carolinas,
 doces, guerreiras, faceiras por si só!
 Em seus corações, esta seu tesouro,
 bem lá no fundo.
 Talvez um dia compreenda
 porque vêm tanta beleza no mundo!



Ubertam Santos nasceu em Canoas, RS no dia 6 de janeiro de 1987. É filho de Luis dos Santos e de Vitalina Fagundes dos Santos (ambos in memoriam). Em 2019 publicou o livro Rabiscos, pela Biblio Editora.



Faça como a autora Cladi C A Levandowski e viva seu sonho literário agora!

Terminou de escrever o seu livro?
 Peça já seu orçamento, sem compromisso!

Cladi C A Levandowski

E-mail: biblioeditora@gmail.com



Sonho e Realidade

Adail Alencar

O poeta é um sonhador,
 viaja nas asas da ilusão,
 oferece um terno amor,
 vivendo uma doce paixão.

Doa um gostoso carinho,
 para a sua musa amada,
 pensando nela não se sente sozinho,
 semeia de amor a sua estrada.

Relembra cada momento vivido,
 no aconchego do seu peito,
 seus carinhos não são esquecidos,
 sonha com ela no seu leito.

Mas tem que acordar desse devaneio,
 a realidade traz a solidão,
 não sente o calor do seu seio,
 nem o toque carinhoso da sua mão.

Dura realidade viver sem teu amor,
 esse amor que me consome,
 que faz dos meus dias uma longa espera,
 Ah! Quem me dera ter-te agora!

Saudade me lembre agora,
 sem piedade, daquela tarde,
 que juntos passamos,
 foram beijos sem medida,
 abraços que me deram vida.

Hoje, nessa fria realidade,
 ao sentir-te tão distante,
 como quisera meu amor,
 reviver aqueles instantes!

Mas faço do sonho realidade,
 trago te junto a mim,
 nas noites insones, febris,
 Ah! O calor do teu corpo!

Viajo em pensamentos,
 e na força desse momento,
 faço-te única e real.

Entre anseios, desejos infinitos,
 sinto-te meu anjo lindo,
 minha adorada e doce musa!



Adail Alencar Taveira foi o vencedor do Concurso promovido pelo CALD (Centro Acadêmico de Letras do CEUD); vencedor do 2º Concurso Literário Internacional Justiça e Igualdade Social participa de eventos declamando poesias; participou, por dois anos, do Grupo Teatral Ana Mary Superstar.

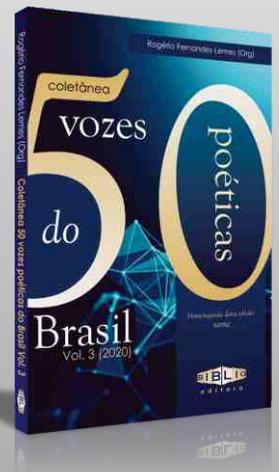


Sortilégio

© Kevin M. Gill

Aproximar-se da origem é vestir-se de pureza;
 é entornar-se para o nada e ver-se verbo, ação.
 O portal da origem é diminuto ante à imensidão que o precede.
 O oposto de originar-se é compreender-se síntese,
 resultado de algo maior e excelso.
 É na origem o revés de toda palavra.
 Quando falo, existo para um montão de coisas,
 tão ensoberbadas que transgridem a lógica primeira.
 São tão coisa toda vez que me vejo alguma coisa.
 Em disparada rumo ao nada, que me espera,
 Invento ser qualquer coisa, ignoto, soberbo,
 despido de compreensão de que, vestir-se de pureza,
 é aproximar-me da origem de quem sou: coisa nenhuma,
 além do belo e do eterno em eterna conexão com tudo, com todos,
 com as coisas em disparada rumo ao nada;
 resultado de algo maior, excelso.
 Esse sou eu na origem de tudo: coisa alguma
 além do silêncio cheio de nada e um magistral vazio.
 Eis o encanto da dádiva humana.
 A magia de passageiras certezas cheias de nada.
 Vozes fascinadas pela ilusão do agora.
 Não passam de memórias adiadas sem aproximação,
 sem entendimento de que somos instantes,
 eternos para nós mesmos.
 A magia, o encanto, o sortilégio da compreensão
 de que somos parte de tudo e de todos;
 de que estrelas correm em nossas veias,
 nos aproxima da origem, da dimensão que a precede...
 Do sortilégio em perceber-se completamente imersos
 no silêncio e cheios de nada.
 Navegantes de um colossal e magistral vazio.

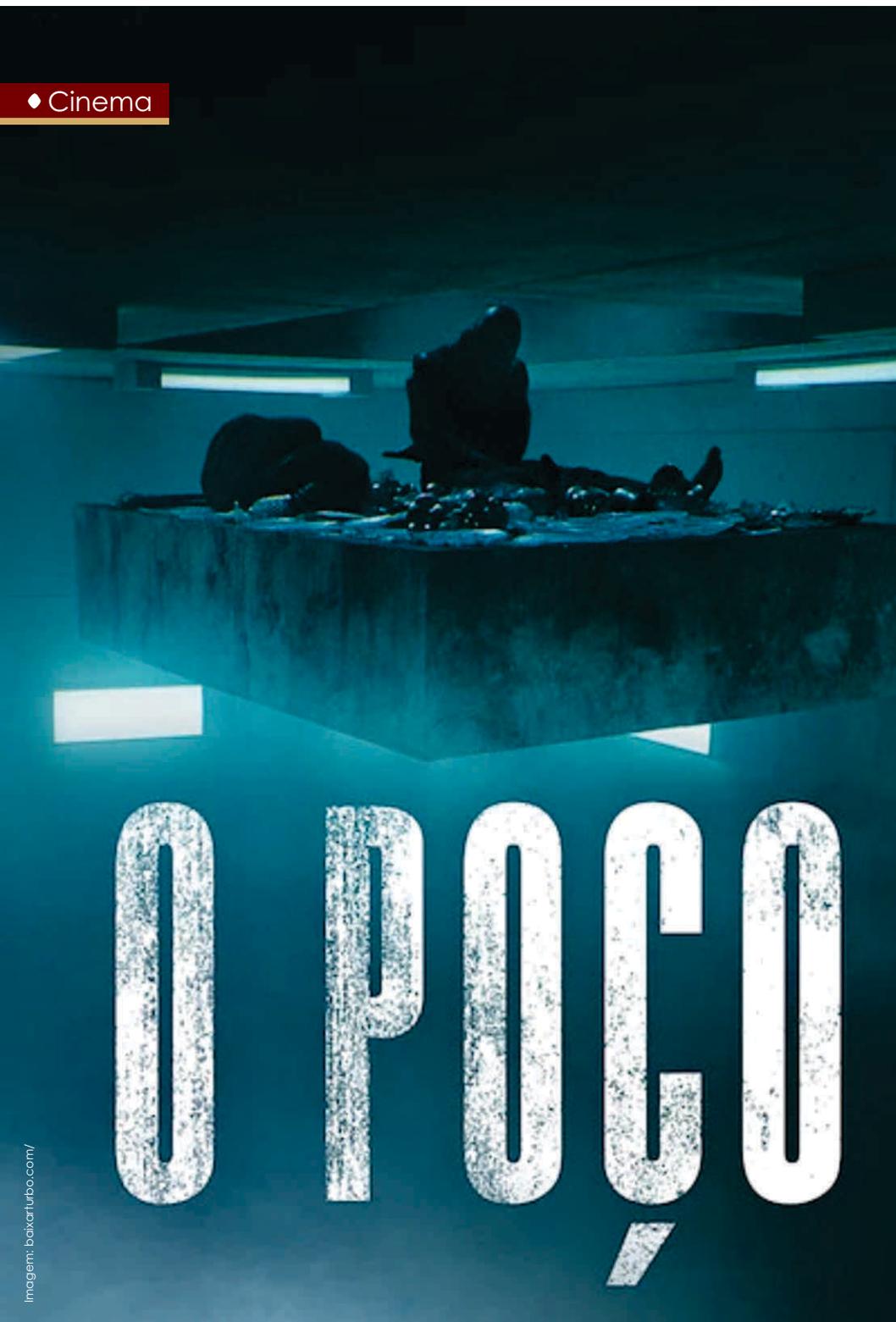
Projeto Literário em andamento



Oportunidade para publicação
 Acesse o edital no site:
www.biblioeditora.com



Rogério Fernandes Lemes é um autor e editor brasileiro, com cinco livros publicados, sendo dois de Literatura Infantil. É Membro da Academia Douradense de Letras (ADL) e Presidente-Fundador da Academia Amambaiense de Letras (ACAL). Criou a Biblio Editora, a Revista Literária Internacional Criticartes e o Jornal daBiblio.



Os três principais protagonistas



Baharat
Emilio Buale



Goreng
Iván Massagué



Trimagasi
Zorion Eguileor

O Poço é, sem dúvida, o longa metragem mais comentado do mês. Alguns odiaram, outros amaram e muitos não entenderam. Já virou *meme*, jogo virtual e é um dos filmes mais vistos no momento. O Poço, de maneira abstrata, retrata as diferenças políticas e a estrutura socioeconômica; uma batalha voluntária e solitária por equidade social no mundo dos egoístas. É uma metáfora, com toque de terror, sobre o sistema capitalista que fica evidente já nos primeiros minutos do filme com a frase “Existem três tipos de pessoas: as de cima; as de baixo; e, as que caem” proferida pelo companheiro de cela Trimagasi (Zorion Eguileor), um ancião que foi preso pelo homicídio de um pedestre. Aqui, mais uma vez, aparece referência ao capitalismo quando Trimagasi explica que, acidentalmente, jogou a televisão pela janela atingindo um inocente, motivado apenas pela fúria, fruto do seu sentimento de obsolescência frente a um item comercializado por programa de TV. Protagonizado por Goreng (Iván Massagué) um homem que voluntariamente escolhe ir para essa prisão vertical, com o intuito de parar de fumar e leva consigo o livro “Dom Quixote”, de Miguel de Cervantes. O protagonista, juntamente com outro preso, Baharat (Emilio Buale), tenta fazer com que todos os andares, dessa penitenciária vertical, denominada de “O Poço” tenham alimento garantido, uma vez que os andares de cima são os primeiros a se alimentar e a sua experiência de estar no andar 171 foi de extrema escassez de alimento. Sem mais *spoiler*, fica a dica para quem ainda não assistiu.

Beijinhos! ◆

Professora Cheiene.

JORNAL daBiblio

Edição n.º. 1 * Abril de 2020

Periódico Literário Nacional

*2ª edição em
Maio de 2020*

Contato: jornaldabiblio@gmail.com

Projeto Gráfico:



Siga-nos nas redes sociais: #jornaldabiblio     